

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
TRABALHO MONOGRAFICO
PRODUÇÃO CULTURAL

MAÍRA PARREIRAS CÂNDIDO

A sexualidade infanto-juvenil nos quadrinhos

Um estudo das adaptações à cultura contemporânea
em *A turma da Mônica jovem*

Niterói, 2011

Maíra Parreiras Cândido

A sexualidade infanto-juvenil nos quadrinhos

Um estudo das adaptações à cultura contemporânea
em *A turma da Mônica jovem*

Trabalho de conclusão do curso de
Produção Cultural apresentado à
Universidade Federal Fluminense como
requisito principal para a obtenção de
título de graduada em Produção Cultural

Orientadora: Paula Sibilía

Niterói, 2011

Dedicatória

Aos alunos do quarto e quinto ano da escola Agnus, fundamentais para o
desenvolvimento deste trabalho.

Agradecimento

Agradeço à minha mãe Simone por todo o apoio, emocional e financeiro, e por estar presente em todos os momentos da minha vida. Às irmãs Iara e Mariana que me ensinaram, ou pelo menos tentaram, a compartilhar e amadurecer. Aos amigos belo-horizontinos por todas as “despedidas” mensais. Aos amigos mineiros, cariocas, fluminenses e paulistas que fizeram da faculdade mais do que uma academia. À Paula Sibilia pela orientação dedicada e cuidadosa.

Sumário

Introdução	5
-------------------	----------

Capítulo I: A construção histórica da sexualidade infantil

1.1 Um longo caminho até a contemporaneidade	9
1.2 A criança contemporânea	14
1.3 A criança brasileira sob a ótica da lei	17

Capítulo II: A literatura infantil tenta se adaptar à nova infância

2.1 A arte de narrar _____	22
2.2 Os coletores de histórias _____	23
2.3 O livro impresso e a leitura silenciosa _____	28
2.4 <i>Harry potter, Crepúsculo</i> e a criança contemporânea _____	33

Capítulo III: Um estudo das histórias em quadrinhos

3.1 A evolução dos quadrinhos _____	39
3.2 A linguagem de um gênero _____	43
3.3 O público das histórias em quadrinhos _____	49
3.4 Entre as histórias maravilhosas e os gibis _____	52

Capítulo IV: *A turma da Mônica: das HQs aos mangás*

4.1 <i>A turma da Mônica</i> e <i>A turma da Mônica jovem</i> _____	54
4.2 A sexualidade em <i>A turma da Mônica jovem</i> _____	58

Capítulo V: Aula experimental:

Uma leitura efetuada por crianças dos gibis escritos por Maurício de Sousa _____	74
--	----

Conclusão _____	78
------------------------	----

Referências bibliográficas _____	81
---	----

Anexos _____	88
---------------------	----

Resumo

O presente trabalho examina o universo da sexualidade infanto-juvenil contemporânea através da análise das histórias criadas, a partir de 2008, pelo cartunista brasileiro Maurício de Sousa: *A turma da Mônica jovem*, considerada uma “atualização” da versão anterior desses quadrinhos, o clássico *A turma da Mônica*. Com esse objeto no foco, na primeira parte deste estudo são analisadas as alterações sofridas pelo conceito de infância na cultura ocidental, especialmente aquelas promovidas pelas transformações de nossa sociedade no decorrer dos últimos séculos. A segunda parte do trabalho apresenta uma análise das HQs de *A turma da Mônica*, estabelecendo comparações entre as duas versões: a já tradicional, na qual os personagens são crianças de sete anos de idade, e a mais recente, na qual os mesmos personagens têm quinze anos de idade. E por fim, em um terceiro momento, avalia o comportamento, as ideias e as reações de um grupo de crianças – com idade média de nove anos – em uma aula dedicada à leitura dos gibis. Essa experiência empírica foi idealizada e dirigida pela proponente desta pesquisa, com a intenção de observar a recepção de ambos os tipos de revistas por esse público, particularmente no que tange aos assuntos ligados à sexualidade.

Introdução

O presente trabalho pretende analisar os conteúdos – sobretudo de cunho sexual – presentes na obra de Maurício de Sousa, comparando as histórias em quadrinhos *A turma da Mônica* e *A turma da Mônica jovem*. A pesquisa é norteadada pela hipótese de que teria se configurado uma nova concepção de infância nos últimos anos, atualmente estimulada pela popularização das novas tecnologias de informação e comunicação, principalmente da internet. Essas tecnologias estão introduzidas no cotidiano das crianças contemporâneas, em todos os âmbitos de suas vidas, seja em suas casas, nas escolas ou mesmo em lojas especializadas (as *lan houses*). Exposição essa que as tornaria mais aptas à aprendizagem das ferramentas específicas que requerem os ambientes e meios digitais. Para testar a validade dessa hipótese, foi realizada uma pesquisa teórica que inclui uma perspectiva histórica, além de uma experiência empírica na forma de uma aula experimental na qual se realizaram leituras dirigidas dos gibis com um grupo de crianças cuja idade média era de nove anos.

São vários os indícios que levam a pensar nas fortes transformações que estamos atravessando, e que afetam tanto a noção de infância como os aspectos relacionados à sexualidade, e também o uso que fazemos dos diversos meios de comunicação e informação. As políticas de incentivo à leitura, por exemplo, associadas aos baixos índices de livros lidos pelos brasileiros¹, sugerem que a leitura individualizada – aquela que vigorou em tempos mais favoráveis às atividades introspectivas – estaria em declínio atualmente, pelo menos no Brasil. Para alguns estudiosos do assunto, a literatura tenderia inclusive à extinção em sua forma tradicional: o livro como aquele objeto palpável, não “virtual”, estaria em vias de desaparecer. Nesse contexto, são muitas as tentativas de adaptar as obras da literatura infantil para formas mais atrativas e interativas, adequadas ao gosto contemporâneo. Um caso especialmente interessante é que constitui o foco dessa pesquisa: as mudanças entre as histórias em quadrinhos *A turma da Mônica* e *A turma da Mônica jovem*.

Assim, para realizar esta pesquisa, em primeiro lugar, foi ensaiada uma reconstrução histórica da concepção do universo infantil, desde a Idade Média até a atualidade, a fim

¹ Segundo artigo publicado pelo Ministério da Cultura no site www.cultura.gov.br no dia 19 de junho de 2010, quando expurgados os livros didáticos e de leitura obrigatória, o brasileiro lê 1,7 livros per capita ao ano.

de identificar o momento em que a criança passou a ser diferenciada, em nossa cultura, como um tipo especial de sujeito. Entre outros motivos, essa definição serviu para justificar a existência de uma produção cultural específica para essa faixa etária, capaz de discutir as questões pertinentes para esse segmento da sociedade – acompanhando as mudanças sofridas pela visão e pelo tratamento de seus membros em relação às crianças de cada época. As novidades tecnológicas deslanchadas na “era da informação” em que vivemos atualmente, na qual o conhecimento e a comunicação circulam por meios muito mais velozes e diversificados que há pouco tempo atrás, também foram analisadas no primeiro capítulo deste trabalho.

Essas mudanças implicam certos deslocamentos no papel do educador, da família e da literatura nas discussões acerca da sexualidade infantil; e exigem, também, uma adequação dos produtos literários dedicados às crianças. O ritmo lento e impreciso das narrações que vigoravam naquelas sociedades, cuja tradição era predominantemente oral, foi perdendo espaço nos processos de modernização do mundo, sobretudo a raiz da disseminação da cultura do livro impresso. Depois, no século XX, os meios de comunicação áudio visuais foram se impondo, e por último as mídias digitais deram à luz a formas cada vez mais dinâmicas e exatas para transmissão dos relatos e dos conhecimentos. Proliferam, agora, certos canais e formatos – capazes de saciar, de modo mais direto e preciso, a curiosidade de uma geração que não se contenta mais com explicações vagas ou míticas acerca do mundo a sua volta.

Após a primeira parte da pesquisa, no segundo capítulo deste trabalho, foi analisado o papel da literatura infantil na construção da subjetividade e na educação das crianças, enfatizando o caráter socializador dessa produção cultural. O principal foco dessa etapa diz respeito à sexualidade, ressaltando as transformações ocorridas nos últimos tempos a fim de adequar tais narrativas às mudanças deslanchadas na sociedade moderna, e, mais tarde, na cultura ocidental globalizada. Ao estudar as questões pertinentes aos quadrinhos, em particular, podemos reconhecer suas continuidades e distanciamentos com relação aos preceitos lançados pela literatura em prosa ou nos versos tradicionais, desde a Idade Média até nossos dias.

Já o terceiro capítulo se debruça sobre a peculiaridade de um gênero literário específico: as histórias em quadrinhos, formadas a partir de desenhos seqüenciais que podem ser acompanhadas ou não de textos. Estas se distinguem da prosa e da literatura em versos

não só na forma, mas também na essência. Quer sejam de origem ocidental quer sejam de origem oriental – como os famosos *mangás* dos quais surgiram os *animes* (desenhos televisivos) e os *cosplayers* (pessoas que se vestem tal como os personagens dessas narrativas). As histórias em quadrinhos possuem uma narrativa, certos elementos e uma linguagem peculiar, com códigos próprios que precisam ser estudados e decodificados de forma diferenciada.

A seguir, o quarto capítulo desse trabalho, ocupa-se da descrição e comparação entre os modos de construção dos enredos, dos personagens e do estilo que caracterizam a já tradicional *A turma da Mônica* e a criação mais recente de seu autor, Maurício de Sousa, que repaginou seus famosos personagens para adaptá-los a um universo mais atual. Nas revistinhas intituladas *A turma da Mônica jovem* esses personagens são retratados em outra fase de suas vidas: já adolescentes, aos quinze anos de idade. O formato escolhido pelo escritor e desenhista, neste caso, foi precisamente o *mangá*, que ganhou destaque entre as leituras das crianças e adolescentes do século XXI.

Em seguida, no quinto capítulo, desta pesquisa todas as premissas desenvolvidas anteriormente foram testadas através de um estudo empírico comparativo entre as duas criações de Maurício de Sousa. Essa última etapa do trabalho expõe e analisa os dados coletados junto a um grupo de vinte e seis crianças de nove anos de idade em média, que tiveram contato com os dois tipos de revistas em quadrinhos aqui focalizados. Orientadas pela pesquisadora, elas expuseram, suas percepções e opiniões a respeito das semelhanças e diferenças entre as duas produções. O objetivo desse estudo foi avaliar, na prática, certas transformações ocorridas nos interesses infantis e no universo das crianças contemporâneas, bem como na capacidade do cartunista Maurício de Sousa de acompanhá-las e adequar suas criações à nova realidade.

Portanto, a intenção final deste estudo é compreender quais são as mudanças imprimidas nas histórias em quadrinhos de *A turma da Mônica jovem*, que implicaram a construção de um ambiente completamente diferente daquele que imperava nas histórias mais tradicionais assinadas por Maurício de Sousa.

É importante ressaltar, porém, que tais mudanças na sociedade não atingem igualmente às crianças do mundo inteiro, nem tampouco todas as brasileiras. Aquilo que se conhece como a “terceira revolução tecnológica”, marcada pelo

desenvolvimento da informática e pelo incremento na produção e circulação da informação, é vivenciada de forma diferente dependendo da cultura de cada país, do nível de desenvolvimento nacional e da classe sócio-econômica na qual se insere cada sujeito. Assim, em um país cuja distribuição da renda ainda persiste como uma das mais desiguais do mundo², e onde o “analfabetismo funcional” atinge índices alarmantes, tanto a leitura dos livros – tradicionais ou em quadrinhos – como o acesso e o domínio das tecnologias midiáticas, também são desiguais.

Um dos extremos desse quadro é ocupado pelas muitas crianças que vivem nas ruas das cidades brasileiras: discriminadas, excluídas e temidas pela sociedade excludente que as produz, pertencem a uma realidade bastante diferente daquela experimentada pelas crianças com possibilidades de receber uma educação formal e incluídas na “cultura digital”, que representam o extremo oposto desse espectro. No entanto, apesar de sua relevância, essas questões não permearão as conclusões deste trabalho, pois fazem parte de uma variável externa ao assunto aqui focalizado. Nesse caso, seria necessária a análise de dados voltados somente para a situação desse grupo; por tal motivo, essa problemática específica não será estudada no decorrer desta monografia. O público que este estudo considera é constituído por aquelas crianças brasileiras urbanas e letradas que têm acesso aos produtos culturais aqui analisados.

²Segundo o coeficiente de Gini, parâmetro internacional para medir a desigualdade de distribuição de renda nos países, desenvolvido pelo italiano Corrado Gini.

Capítulo I

A construção histórica da sexualidade infantil

1.1 Um longo caminho até a contemporaneidade

Compreender os processos de construção histórico-social do universo infantil é algo fundamental para empreender uma análise das transformações ocorridas nas relações entre crianças e adultos na nossa sociedade desde a Idade Média até a atualidade e, em particular, suas conseqüentes influências sobre a abordagem dos assuntos relativos ao sexo e à sexualidade. As atitudes diante desses temas costumam estar atreladas a certos valores morais sempre marcados pelo ambiente sociocultural e pela mentalidade da época. A necessidade de contabilizar o tempo usando relógios, por exemplo, remete à demanda de exatidão da era moderna e industrial. A ideia de que existe uma idade física ou mental é, também, um conceito inventado e, além disso, não é muito antigo. Trata-se de uma noção característica dessa sociedade que se preocupa em organizar e categorizar o mundo em que vive.

Durante a Idade Média, a criança, assim que chegava a idade do desmame – que, naquela época era mais tardio do que nos dias de hoje – misturava-se com os adultos tanto para o trabalho como para os jogos e as festas. Não existia, de fato, uma diferenciação etária e, por isso, os infantes eram considerados “pequenos adultos”, muitas vezes incômodos devido à sua insuficiência para suprir sozinhos suas

necessidades e, portanto, pela sua conseqüente dependência dos outros. Isso pode ser observado nas iconografias da época, que raramente retratavam as crianças e que, quando o faziam as representavam com corpos adultos já bem definidos. Como exemplifica Philippe Ariès em sua obra intitulada *História social da criança*.

Uma miniatura otoniana do século XI nos dá uma idéia impressionante da deformação que o artista impunha então aos corpos das crianças, num sentido que nos parece muito distante de nosso sentimento e de nossa visão. O tema é a cena do Evangelho em que Jesus pede que se deixe vir a ele as criancinhas, sendo o texto latino claro: *parvulli*. Ora, o miniaturista agrupou em torno de Jesus oito verdadeiros homens, sem nenhuma das características da infância: eles foram simplesmente reproduzidos numa escala menor. (Ariès, 2006, p.17)

Nos tempos pré-modernos, portanto, as diversas fases da vida humana não eram bem demarcadas. Considerava-se o que hoje denominamos infância um período de transição, que deveria ser superado o mais rápido possível, direto para a fase adulta por volta dos sete anos de idade, quando a criança passava a ter uma melhor articulação oral. De acordo com essa visão de mundo, não existia a adolescência nem a juventude ou outras etapas intermediárias. Também no que se refere ao teor das conversas e brincadeiras, não havia qualquer distinção de conteúdos considerados próprios ou impróprios. Não se pensava em “idade mental”, nem existiam conhecimentos acerca das transformações advindas da puberdade. Portanto, não se tinha muita consciência a respeito da maturidade sexual. De fato, a regra moral, que determina que os adultos não façam, por exemplo, alusões a assuntos sexuais na frente das crianças, era totalmente estranha à população dos séculos XVI e XVII.

Durante esse período, como as crianças conviviam no mundo adulto em todas as esferas de relacionamento humano, eram muito comuns as brincadeiras entre homens e crianças que incluíssem os órgãos genitais, e até mesmo o próprio ato sexual. Em seu livro *História social da criança e da família*, Philippe Ariès relata uma brincadeira que foi descrita no diário de Heroard, médico de Henrique IV, protagonizada por Luis XIII e sua ama quando este não tinha ainda um ano de idade: a ama lhe sacudia o pênis enquanto o menino gargalhava e, ainda, este mandava que todos lhe beijassem essa parte do corpo.

A educação sexual, plenamente voltada para a orientação matrimonial, naquele período tinha início por volta dos cinco anos de idade, e esses tipos de jogos jocosos eram permitidos até os sete anos, idade na qual a criança começava a ser educada para o casamento e treinada para agir “com decência” na frente dos demais. Assim, aos quatorze anos, Luis XIII já era considerado apto para as bodas, pois não tinha mais nada a aprender. Por tal motivo, nesse momento da sua vida, o rei foi colocado para dormir com a noiva, escolhida por seus pais para essa função quando ele ainda não tinha sequer um ano de idade. Embora possa chocar a sociedade atual, essa liberdade em tocar e brincar com os genitais das crianças era um hábito comum difundido entre todas as classes sociais, que desapareceu nos séculos XVIII e XIX devido à reforma moral inicialmente proposta pelas igrejas, ainda no século XVI, em seguida adotadas pelas classes burguesas e, bem mais tarde, dominaram as sociedades ocidentais.

Essa permissividade se explica na descrença da sociedade da época sobre as influências que tais gestos pudessem exercer sobre o comportamento dessas crianças, uma vez que elas não tinham ainda desejo sexual. Portanto, essas brincadeiras não tinham significações mais profundas para aquele universo, e por isso se tornavam habituais. Mas essa visão começou a mudar primeiro, entre os moralistas e educadores inovadores. Apesar de, em princípio, não terem recebido respaldo social, novos conceitos de conduta moral, próximos àqueles que ainda hoje seguimos, foram se enraizando lentamente junto à população. Um dos primeiros moralistas a se interessar pelo universo infantil foi o chanceler Gerson que estudou o comportamento sexual das crianças entre os dez e os doze anos de idade a fim de assessorar os confessores.

Esse estudioso considerava a masturbação um pecado recorrente e, para controlá-lo e puni-lo, propôs um novo código de conduta, segundo o qual o adulto devia usar somente palavras castas perante as crianças, impedir o contato visual ou manual entre elas durante os jogos – evitando, por exemplo, se beijassem – proibia práticas consideradas promiscuas entre homens e crianças, principalmente na cama, evitando que dormissem juntos, fossem ou não do mesmo sexo. Quem descumprisse essas regras deveria se submeter ao ato da confissão.

Segundo Ariès, no século XVI, alguns educadores já proibiam às crianças a leitura de certas obras consideradas inadequadas, ou apresentavam versões dos clássicos nas quais as questões sexuais eram excluídas dos livros. E, além disso, não despiam por completo

os alunos para lhes aplicar castigos corporais, só poderia ficar à mostra aquela parte do corpo na qual a punição seria aplicada. Gerson criou também, para a escola de Notre-Dame-de-Paris, regras de conduta que proibiam o ensino de certas músicas nas aulas de canto, estimulavam a delação entre os alunos que faltassem com a “moral” e exigiam que uma lamparina ficasse acesa durante as noites proibindo a troca de camas entre os alunos e o contato desses com outras crianças que não pertencessem à instituição. Essas regras de conduta configuram o embrião que possibilitou o surgimento da concepção de infância moderna. Em seu artigo “Por uma compreensão histórico-filosófica da infância”, publicado no livro intitulado *Por dentro da educação infantil: a criança em foco*, a pesquisadora Edmancy Quirina de Souza afirma o seguinte:

As crianças sempre existiram, sempre nasceram, continuam nascendo e sempre nascerão, porém a idéia de infância, como se pode concluir, não existiu sempre e nem da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudaram a inserção e o papel da criança na comunidade. (SOUZA, 2010, p. 17)

Assim, portanto, a noção do universo infantil como um território “inocente” e separado do mundo adulto é uma construção social típica da era moderna que continua a se transformar. Essa noção foi difundida a partir do século XVII e consolidada no século XVIII, quando a ideia de um projeto pedagógico adequado à idade de cada indivíduo foi sistematizado não só pelos grandes pensadores educacionais da época, mas atingiram também as outras esferas de convívio social das crianças. Essa mudança acompanhou a transição do regime feudal para o sistema capitalista, que se solidificou com a migração dos habitantes do campo para as cidades emergentes. Foi durante esse período quando os avanços científicos e tecnológicos, que permitiram o surgimento de medidas sanitárias e de higiene pessoal básica, implicaram na diminuição da mortalidade infantil e também no declínio da natalidade.

Antes dessas transformações, ao longo da Idade Média, as famílias eram bem mais numerosas, e havia um sentimento, confirmado pelas necessidades, de que se deveria ter o maior número possível de filhos, já que uma grande quantidade de crianças morreria antes de chegar à idade adulta e, como todos trabalhavam desde muito cedo no campo, uma família numericamente grande significava um maior rendimento na lavoura.

As mudanças do comportamento populacional, que resultaram no declínio demográfico da sociedade ocidental, fortaleceram os sentimentos afetivos com relação aos recém-nascidos por parte das famílias, que passaram a apreciá-los não só numericamente, mas como indivíduos únicos dotados de uma personalidade singular e insubstituível. Esse modo de tratar as crianças se consagrou no século XIX, um tempo de exaltação do período infantil, no qual essa idade - até então menosprezada - passou a ser considerada preferível em comparação com as outras fases da vida.

Segundo Ariès foi durante o século XVIII que a criança começou a ser massivamente considerada um ser humano dotado de uma alma singular e imortal. Esse século é marcante, não só pela tomada de consciência social no que tange às crianças – que, naquela época, já abrangia também as classes economicamente menos favorecidas – mas, sobretudo pela formalização trazida pelos intelectuais, que ressaltaram a importância da educação disciplinar infantil. Nesse momento, tornou-se indispensável que todas as crianças fossem enviadas para uma instituição capaz de aprimorar sua formação intelectual, onde deveriam ser vigiadas permanentemente, a fim de garantir a integridade de sua inocência e formação. Surgiu, então, a ideia de que para se tornar um adulto adequado a criança precisava passar por um estágio de ensinamento, durante o qual deveria se isolar da sociedade em geral para a ela se adaptar.

Para a sedimentação dessas novidades, os colégios desempenharam um papel fundamental, segundo as célebres análises de Michael Foucault em sua obra intitulada *Vigiar e punir*, nas quais o autor destaca a importância da organização espaço-temporal nas instituições de confinamento (como a escola) que articularam as “sociedades disciplinares”.

A organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. Permitiu ultrapassar o sistema tradicional (um aluno que trabalha alguns segundos, enquanto fica ocioso e sem vigilância o grupo confuso dos que estão esperando). Determinando lugares individuais, tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia no tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. (Foucault, 197, p.134)

Três princípios básicos regiam a educação infantil dessa época. O primeiro afirmava que as crianças nunca devem ficar sozinhas, ideia que começou a aparecer no século XV, mas foi consolidada a partir do século XVIII. O segundo princípio afirmava que as crianças não deviam ser demasiadamente “paparicadas”, para se acostumarem, desde cedo, à seriedade da vida. Essa ideia remonta a uma mudança ocorrida no senso comum das classes sociais bem sucedidas, ainda em meados do século XVI, em que o tratamento destinado às crianças passou por uma fase que Philippe Ariès denominou de “paparicação” caracterizada por um tratamento não mais indiferente às crianças, mas um sentimento próximo ao apego que se tinha por um animal de estimação. A criança era um divertimento para a família, que incentivava a falta de discernimento infantil para distrair os adultos durante os encontros familiares, sem, no entanto, haver a noção de educá-las ou discipliná-las. Por fim, o terceiro princípio determinava que as crianças deveriam ser recatadas. Esses três dogmas pretendiam tanto proteger as crianças dos pecados mundanos como prepará-las para a vida adulta, através da construção de um caráter forte e racional. Nessa época, por volta do século XVIII, a celebração da primeira comunhão se tornou um símbolo muito forte da igreja católica que celebrava ao mesmo tempo a inocência e a assimilação dos mistérios sagrados da religião.

No final do século XIX e início do XX, uma nova teoria veio a questionar a inocência absoluta da criança. Com base em estudos pré-existentes, sobretudo formulados pelo médico fisiologista Josef Breuer, o criador da psicanálise, Sigmund Freud, publicou em 1905, o texto intitulado *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Entre outros assuntos, essa obra descreve o comportamento sexual das crianças, salientando que este começaria já no momento do nascimento.

Não parece haver dúvida de que os germes dos impulsos sexuais já estão presentes no recém-nascido e de que eles continuam a desenvolver-se durante algum tempo, sendo então dominados por um progressivo processo de supressão; este, por sua vez, é interrompido por avanços periódicos no desenvolvimento sexual ou pode ser sustentado por peculiaridades individuais. Nada se sabe ao certo sobre a regularidade e a periodicidade deste curso oscilante de desenvolvimento. Parece, contudo, que a vida sexual das crianças usualmente surge numa forma acessível à observação por volta dos três ou quatro anos de vida. (FREUD, 1905, p.181)

Embora hoje seja muito criticada, essa teoria do desenvolvimento sexual proposta por Freud se difundiu largamente nos meios familiares e científicos. E, mesmo sem poder ser comprovada através de métodos científicos convencionais, suas ideias ganharam respaldo junto a certas parcelas da sociedade, sobretudo na observação cotidiana que reflete o interesse das crianças em colocar pequenos objetos na boca, nas brincadeiras com o sexo oposto e nas perguntas recorrentes, mesmo que de forma displicente, relativas à vida sexual dos pais. Atualmente, várias correntes da psicologia se baseiam nas teorias formuladas por Freud para construir um modelo próprio capaz, de explicar o interesse das crianças pelo sexo quando ainda são muito novas.

1.2 A criança contemporânea

Mais tarde, durante as transformações culturais que eclodiram na década de 1960, iniciou-se, dentre outros fenômenos, a chamada “revolução sexual”, a partir da qual novos paradigmas a respeito do sexo e das relações sexuais foram consolidados. As ratificações feministas, as pílulas anticoncepcionais e os ideais difundidos pelo movimento hippie possibilitaram novas formas de expressar a sexualidade, dissociando – para uma grande parcela da população – o sexo da necessidade de reprodução resultando no declínio da discriminação do sexo antes – e até mesmo fora – do casamento. Iniciaram, então, profundas mudanças nas relações e nos comportamentos inclusive no conceito de família. Essa alteração das mentalidades estimulou o debate a respeito da sexualidade, que deixou gradativamente de ser um tema tabu, inclusive para as crianças, sobretudo aquelas educadas pelos jovens integrantes desse movimento nas décadas subseqüentes. Segundo os autores da obra *Movimentos culturais da juventude*, Antonio Carlos Brandão e Milton Fernandes Duarte:

Dentro da chamada “revolução sexual” dos anos 60, com suas armas e símbolos (a minissaia, o amor livre, a queima dos sutiãs, as pílulas anticoncepcionais etc.), o movimento feminista ganhou grande força, tentando acabar com todas as disposições de superioridade de um sexo sobre outro. Tratava-se de reconhecer uma mulher concreta, situada nas relações dia dia-a-dia de uma sociedade moderna e fora dos padrões idealizados pela

fantasia e pelos preconceitos dos homens. A mulher, a partir do final da década de 60, parte para uma luta realista e corajosa, discutindo temas como o aborto, o trabalho fora do lar, o divórcio (levantando a questão do preconceito em relação à mulher descasada) e tentando desmitificar o tabu da virgindade. (BRANDÃO; DUARTE, 1999, P.59)

Vinte anos mais tarde, quando cientistas norte-americanos detectaram o surgimento de uma nova doença sexualmente transmissível, a AIDS, esses debates se tornaram mais urgentes, uma vez que para conter o avanço da transmissão da doença era necessário informar a população acerca dos métodos de prevenção. Ainda que fossem direcionadas ao público adulto, as propagandas e cartilhas informativas atingiram também as crianças e estimularam a sua curiosidade.

Dentre as campanhas que atingiram o público infantil está a marchinha de carnaval *Bota camisinha*, na qual, durante um baile de carnaval, as pessoas cantavam o seguinte: “Bota a camisinha - bota meu amor - que hoje está chovendo - não vai fazer calor - Bota a camisinha no pescoço - Bota geral - Não quero ver ninguém sem camisinha - Pra não se machucar - No carnaval”. Ou, então, a campanha publicitária veiculada em 1993 pelo Ministério da Saúde em na qual um ator conversava com seu próprio pênis, ao qual ele chamava de Bráulio, para salientar a importância da proteção na prática do sexo, principalmente quando descompromissado.

Apesar de terem sido muito criticadas, sob acusações de banalização do sexo e pelo apelo jocoso que, além de despertar o interesse infantil, fazia piadas com temas importantes, essas e outras campanhas atingiram o âmbito nacional e se tornaram mais um ponto de debate sobre o novo posicionamento social perante as questões por elas abordadas.

Essas campanhas marcam o crescente contato das crianças com o sexo através dos meios de comunicação de massa. As revistas voltadas para o público adolescente começam a trazer temas bem mais polêmicos, como a gravidez na adolescência, e são consumidas por públicos cada vez mais jovens. O livre acesso à informação possibilitado, hoje, pelo uso do computador e, sobretudo, da internet, é um fator que marca o fim das tentativas de manter afastado do universo infantil qualquer assunto considerado impróprio inclusive os tabus sexuais ainda vigentes e diferencia a criança moderna da criança contemporânea.

Para se adequar a essa nova realidade da infância, com acesso quase irrestrito à informação, o papel do educador precisou ser revisto. Muitos concordam que ele não é mais o detentor e nem o transmissor exclusivo e incontestável do saber; por isso nas salas de aula contemporâneas, as crianças dialogam e são levadas cada vez mais a discordar de seus mestres. Por tais motivos, as famílias e as escolas precisaram estabelecer novas formas de debate, que não limitem a função politizadora da educação por sua inadequação ao meio social no qual a criança vive. Caso contrário, acredita-se que os conhecimentos gerados pelos educadores não serão verificáveis na vida prática, e não auxiliarão as crianças a decodificar o mundo no qual estão inseridas verificando-se uma separação entre a escola e a vida real cotidiana. Por todos esses motivos, considera-se que a verdadeira educação infantil deveria partir das necessidades específicas do homem social em seu momento histórico, propiciando nas crianças o desenvolvimento do conhecimento crítico de si e do universo ao qual pertencem.

Ícones desse processo de transformação que estamos atravessando, os *tweens* – termo introduzido pela pesquisadora Maria Aparecida Belintane Fermiano –, são pré-adolescentes entre os oito e os quatorze anos de idade, que têm acesso ao universo da tecnologia e da propaganda. Embora eles consigam obter certos discernimentos complicados, que teriam sido impensáveis para crianças das mesmas idades algum tempo atrás, ainda não compreendem por completo os processos que alicerçaram o mundo em que vivem. De acordo com Belintane Fermiano, portanto, são crianças, mas preferem não admiti-lo em sua vida social, na tentativa de parecerem mais amadurecidos aos olhos de seus pais, como se fossem capazes de compreender relações mais complexas do que aquelas que de fato conseguem efetuar. Sobre os programas assistidos por esses pré-adolescentes fermiano afirma que a maioria deles assiste aos mesmos vídeos tais como *Bob esponja* e *Hanna Montana* e ainda que:

Em todos esses programas existe um forte apelo em termos de comportamento, em relação às vestimentas e aos gastos. E as crianças estão numa fase em que o que admiram querem [comprar] para elas, já que lidam com muitas fantasias (Fermiano, 2010)

Levando em conta esse contexto, vários estudiosos criticam os programas de educação sexual “biologizantes” promovidos por algumas escolas brasileiras, tanto as públicas como as privadas. Esses projetos tentam coibir os instintos sexuais da criança

trabalhando-os somente nas aulas de ciências, e mais tarde nas de biologia, ou ainda as trata do ponto de vista dogmático do pecado nas aulas de catecismo ou religião, sem discutir seus aspectos cotidianos. Muitos educadores confundem sexualidade com sexo, e abolem o assunto das conversas com as crianças por considerar que não é pertinente ao universo infantil. A diferença entre esses dois termos é apontada pelo psicólogo Rodrigo Nejm, diretor de prevenção da Safenet, organização criada para proteger e promover os direitos humanos na internet, em entrevista para o blog intitulado *Diga não à erotização infantil*:

Não é preciso falar sobre sexo com uma criança de 7 ou 8 anos de idade, por exemplo, mas sim instruí-la sobre sua sexualidade. Isso implica explicar a respeito de questões de prazer, do conhecimento do próprio corpo e dos limites das brincadeiras com o corpo de outras crianças – uma série de curiosidades sobre o desenvolvimento afetivo que todos nós temos desde que nascemos. O ser humano é sexualizado; há diferentes fases, e a cada etapa a criança precisa ser orientada sobre como desfrutar da melhor forma de seus direitos sexuais. É um tema complexo, muito amplo e delicado, que encontra resistências em diversas famílias e falta de preparo adequado por parte dos educadores para ser tratado na escola. (Nejm, 2010)

1.3 A criança brasileira sob a ótica da lei

À fim de regulamentar e preservar os direitos à infância, através de um conjunto de normas legais, o Estado brasileiro, no dia 13 de Julho 1990, sancionou o *Estatuto da criança e do adolescente*, para garantir proteção integral a todas as crianças do país, permitindo que usufruam de uma infância plena e saudável. O primeiro aspecto a ser ressaltado aqui se encontra no segundo artigo desse estatuto, que determina de maneira bastante objetiva, quem é a criança a ser protegida. O texto constitucional afirma o seguinte:

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade. (BRASIL, Estatuto da criança e do adolescente)

A lei constata que, para o Estado, a infância é uma fase da vida definida exclusivamente pela idade biológica, sendo desconsiderados os aspectos sociais, psicológicos, neurológicos e cognitivos que influenciam o amadurecimento factual do indivíduo, e que variam segundo as predisposições genéticas e as vivências pessoais. Essa objetividade diminui as possibilidades de dubiedade na aplicação das leis, a fim de minimizar o máximo possível a influência da subjetividade do juiz na interpretação de cada norma. Mas, ao mesmo tempo, engessa a duração da infância e limita o diálogo entre pensadores, educadores e crianças.

Os artigos que fazem referência ao acesso à cultura e ao lazer, no referido estatuto, garantem que toda criança ou adolescente terá acesso às diversões e espetáculos públicos classificados como adequados à sua faixa etária no horário destinado ao público juvenil e, ainda, exige que antes da sua transmissão seja anunciada a classificação relativa ao programa a ser exibido, além de ser proibida a veiculação de referências a bebidas alcoólicas, tabaco, armas e munição, ou de conteúdos que violem “os valores éticos e sociais da pessoa e da família” nas publicações destinadas às crianças. As revistas com conteúdo impróprio devem ser comercializadas em embalagens lacradas e destacar qual o tipo de assunto nela abordado que as torna não recomendável para determinadas faixas etárias.

O estatuto da criança e do adolescente é o principal argumento legal de sustentação da atual norma processual de classificação indicativa para produtos audiovisuais, que vigora desde julho de 2006. A principal diferença entre as atuais regras e as que a antecederam é que ela não se restringe a indicar a idade adequada à obra apresentada, mas também sustenta uma análise descritiva das cenas contidas no programa que será exibido. Dessa maneira, possibilita que os pais e educadores tenham certo conhecimento dos assuntos abordados na trama, fomentando um debate que os envolve na escolha dos programas permitidos ou não para as crianças que se encontram sob sua tutela. Segundo as palavras do próprio manual, “a classificação indicativa é, sobretudo, o conjunto de atos realizados sucessivamente para que se obtenha uma adequada análise sobre os produtos audiovisuais” (“MANUAL da classificação indicativa”, 2006, p. 3)

A análise das cenas conta com dados numéricos e bem definidos que fazem aumentar ou diminuir a idade adequada para cada produto resultante. São focalizados dois grandes conjuntos de temas: a violência e o sexo, tendo ainda o subtema das drogas. Porém, é a análise do conteúdo sexual o que interessa para o desenvolvimento deste estudo.

Dentro desse tema contrapõem-se dois tipos distintos de relatos: aqueles que banalizam o ato sexual e aqueles que abordam o tema com o intuito de provocar importantes discussões na sociedade. Assim, são analisados, além do ato sexual em si, a relevância das cenas para o entendimento da obra final, o tipo de nudez apresentada, a presença ou ausência de atos incestuosos, o apontamento do estupro como decorrência da paixão ou das alterações provocadas pelo uso de drogas, a inserção da mulher como objeto sexual, a associação do sexo com promiscuidade ou traição, e o envolvimento de crianças e adolescentes na cena, além dos aspectos técnicos. Por fim, a linguagem verbal usada para minimizar ou reforçar determinadas situações e mensagens transmitidas, a música, que também pode diminuir ou intensificar a cena, influenciam para avaliação positiva (que reduz a classificação indicativa) ou negativa (que aumenta a idade para o público ao qual a obra é dirigida). Vale ainda ressaltar que não é analisado tudo o que não é dito ou não visto, o conteúdo simbólico, implícito e subliminar.

Dessa forma, as obras que envolvem o sexo seguro, com o uso de preservativos e contraceptivos, que relacionam o ato sexual com amor entre pessoas que possuem relações firmes com parceiros fixos e com abordagem mais serena do ato sexual, são mais valorizadas que aquelas que possuem características contrárias.

A principal preocupação governamental é limitar a superexposição das crianças e dos adolescentes a conteúdos que envolvam nudez e sexualidade, e, ao mesmo tempo promover um espaço para debates sobre o tema na família. Mesmo que esses debates sejam ainda precários funcionam como um índice de que a sociedade está tomando consciência de que um diálogo aberto é o principal instrumento que pais e professores possuem para informar e orientar as crianças.

O estatuto contempla sete classificações possíveis. A primeira, mais apropriada para as crianças, recebe um selo do Ministério da Justiça, indicando que a obra deve ser assistida por toda a família e que, portanto, podem ser exibidas em qualquer horário,

trata-se da categoria ER, especialmente recomendada. Em seguida estão os produtos considerados livres, que assim como as ERs não se limitam a um horário, esses não possuem nenhum conteúdo inapropriado, mas não são educativos se diferenciando dos ER. Depois vêm as impróprias para menores de dez anos, também são de livre exibição; e em seguida doze anos, permitidas após as 20 horas; quatorze anos, proibidas antes das 21 horas; dezesseis anos, apropriadas para programas exibidos após as 22 horas; e, por fim, as de dezoito anos, permitidas somente após às 23 horas.

Essa classificação vem sendo revista, em debates através da consulta popular realizados pela internet com o fim de averiguar se a população civil está de acordo com essa normatização ou se ela deveria ser transformada. Segundo o diretor do DEJUS (Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação, do Ministério da Justiça), Davi Pires, essa pesquisa a opinião pública não se deve à pressão das emissoras de televisão, mas à necessidade de verificar se a população está satisfeita com a atual lei, consulta não realizada até então. Entre as mudanças propostas, o SBT sugere que os produtos qualificados para menores de doze anos possam ser veiculados após as 14 horas, e àqueles indicados para menores de quatorze anos sejam exibidos após as 19 horas.

Por enquanto, a apresentação visual do aviso de classificação indicativa vigente deve obedecer, sempre, a um padrão exposto pelo quadro abaixo.

Entenda os símbolos da Classificação Indicativa na TV

Símbolo	Classificação Indicativa	Características	Horário de exibição
L	Livre	Não expõe crianças a conteúdos potencialmente prejudiciais.	Exibição em qualquer horário.
10	Não recomendado para menores de 10 anos	Conteúdo violento ou língua com impropriedade para crianças, ainda que em menor intensidade.	Exibição em qualquer horário.
12	Não recomendado para menores de 12 anos	As cenas podem conter agressão física, consumo de drogas e insinuação sexual.	Exibição a partir das 20h.
14	Não recomendado para menores de 14 anos	Conteúdos mais violentos e/ou da língua com sexual mais acentuada.	Exibição a partir das 21h.
16	Não recomendado para menores de 16 anos	Conteúdos mais violentos ou com conteúdo sexual mais intenso, cenas de tortura, suicídio, estupro ou nudez total.	Exibição a partir das 22h.
18	Não recomendado para menores de 18 anos	Conteúdos violentos e sexuais extremos. Cenas de sexo, incesto ou atos repetidos de tortura, mutilação ou abuso sexual.	Exibição a partir das 23h.

É aconselhável que os pais assistam e conversem com os filhos sobre os conteúdos e temas abordados, a Classificação Indicativa também é apresentada na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

INFORMAÇÃO E LIBERDADE DE ESCOLHA



A classificação indicativa atinge também os jogos eletrônicos, sejam educativos ou não. A lei que regulamenta esse segmento é anterior à atual lei de classificação dos objetos audiovisuais, tendo sido promulgada em outubro de 2001. Ela prevê cinco categorias, são elas: livre, inadequado para menores de doze anos, inadequado para menores de quatorze anos, inadequado para menores de dezesseis anos e inadequado para menores de dezoito anos. Essas posições dizem respeito a todos os tipos de jogos eletrônicos, sejam desenvolvidos para internet ou para vídeos games. Segundo essa mesma lei, a classificação leva em consideração se o jogo apresenta “violência, prática de atos sexuais e desvirtuamento de valores éticos e morais.” Essa indicação deve estar presente na embalagem do jogo junto a informações a respeito da natureza do jogo.

Um aspecto bastante positivo dessas leis é a apresentação aos pais dos conteúdos contidos na obra, cabendo a eles o poder de decidir sobre a exclusão ou inclusão do produto no cotidiano dos filhos. Mas, o ciberespaço possibilita inúmeras brechas que permitem o descumprimento dessas normas. Como exemplo, podemos citar os vídeos postados no site *Youtube*, que raramente apresentam a classificação indicativa. Por mais artificios que as tecnologias ofereçam para auxiliar o controle dos pais aos sites acessados pelas crianças, é impossível garantir que não acabem explorando páginas cujo conteúdo lhes seja inapropriado. Nesses casos, mais uma vez, a conversa franca com a criança pode ser a melhor forma de controle. Os pais devem fazer com que os filhos compreendam por que o site ou certas fotos não são adequados a ela, e auxiliá-las a identificar seu momento de maturidade para os diversos assuntos cotidianos, inclusive os sexuais.

Por tudo isso, essas regras são consideradas democráticas e objetivas, uma vez que reconhecem a participação da sociedade e de todos os interessados no desenvolvimento dos pontos cruciais de sua concepção. Por maiores que sejam os esforços, tanto do governo quanto da família, no sentido de proteger as crianças do universo sexual que se insinua, é impossível isolá-las: elas conhecerão, de qualquer forma, conteúdos oriundos da televisão, do mercado fonográfico e, principalmente, da internet. Ao ter acesso à classificação indicativa e ao arcabouço temático, porém, os pais podem argumentar melhor com seus filhos os motivos pelos quais um determinado produto não deveria ser por eles assistido, permitindo que as crianças compreendam e contra-argumentem, amadurecendo, assim, a forma como interagem e discutem os assuntos relacionados à sexualidade.

No que tange as revistas em quadrinhos *A turma da Mônica jovem*, nenhuma classificação indicativa foi atribuída, apesar de nela existirem várias alusões à sexualidade. Segundo Maurício de Sousa elas foram elaboradas para um público-alvo que tenha entre dez e dezesseis anos. No entanto, de acordo com dados por ele próprio fornecidos, somente a metade dos leitores dessas aventuras se encontra dentro desses limites etários: 50% dos consumidores têm menos de dez ou mais de dezesseis anos de idade. Durante o desenvolvimento deste trabalho, confirmando tais dados, observaremos que as crianças mais novas apreciam, de fato, as histórias juvenis protagonizadas por Mônica.

Capítulo II

A literatura infantil tenta se adaptar à nova infância

2.1 A arte de narrar

Contar histórias parece ser uma expressão social inerente ao ser humano, uma atividade através da qual se busca exprimir e compreender o mundo em que se vive. Naqueles tempos em que vigorava a “cultura oral” tratava-se de uma experiência social que exigia certa cumplicidade entre o narrador e o interlocutor. A narração coletiva de histórias, hábito comum nas sociedades de orientação “tradicional”, como as define David Reisman em seu livro intitulado *A multidão solitária*, era um instrumento fundamental para a transmissão de conhecimento. Através do compartilhamento desses relatos, procurava-se tanto educar como entreter. Assim a partir da descrição mítica, não científica, dos elementos da natureza e das relações humanas as crianças e os adultos partilhavam experiências de trocas culturais coletivas ou individuais, em um tempo em que a circulação de idéias estava bem longe de contar com a velocidade impressionante da internet ou dos meios de comunicação de massa. Os membros dessas sociedades – tanto as crianças como os adultos, sem uma diferenciação etária clara entre eles – dedicavam certo tempo de seus dias a narrar e escutar histórias, nas quais a ficção e a realidade se fundiam nos relatos míticos e nas epopéias. Assim descrevem, por exemplo, Berger e Luckman:

Por exemplo, só alguns membros de uma sociedade de caçadores têm a experiência de perder suas armas, sendo obrigados a combater um animal selvagem unicamente com as mãos. Essa assustadora experiência, quaisquer

que sejam as lições de bravura, astúcia e habilidade que produza, fica firmemente sedimentada na consciência dos indivíduos que a sofreram. Se vários indivíduos participam da experiência ficará sedimentada intersubjetivamente, podendo até talvez formar um profundo laço entre esses indivíduos. Sendo, porém, essa experiência designada e transmitida linguisticamente, torna-se acessível e talvez fortemente significativa para indivíduos que nunca passaram por ela. A designação lingüística (que numa sociedade de caçadores, podemos imaginar ser muito precisa e completa) abstrai a experiência de suas ocorrências individuais biográficas. Torna-se uma possibilidade objetiva para todos, ou pelo menos para todos os indivíduos de certo tipo (digamos, os caçadores plenamente iniciados), isso é torna-se anônima em princípio, mesmo quando ainda associada a feitos relativos a indivíduos particulares. Mesmo para aqueles que não se prevê venham a ter a experiência em sua própria biografia futura (assim as mulheres, proibidas de caçar) esse fato pode ter importância de maneira derivada (digamos em termos do desejo de um futuro marido). Em todo caso, faz parte do acervo comum do conhecimento. (BERGER; LUCKMAN, 2008, p. 96)

Muitas das histórias fantásticas, que ainda hoje são contadas às crianças, têm origem nessa literatura “primordial popular” a qual, segundo afirma Nelly Novaes Coelho em sua obra intitulada *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*, “remontam a fontes orientais bastante heterogêneas e cuja difusão, no ocidente europeu, se deu durante a Idade Média, através da transmissão oral” (COELHO, p.5). Embora algumas delas tenham surgido provavelmente na Índia, essas histórias foram recontadas e recriadas chegando à Europa e depois às suas colônias, inclusive ao Brasil. Essas narrações se baseavam no contato direto com o interlocutor e, portanto, podiam ser adaptadas segundo a recepção que o público demonstrava no decorrer dos fatos, modificando-se através do tempo e dos diversos espaços para melhor traduzir experiências de cada grupo. Sobre esses contos orais, de outros tempos, a pesquisadora Paula Sibilia escreveu em seu livro *O show do eu*:

O fluxo narrativo das velhas artes de recitar, entrelaçadas aos modos de vida rurais e às atividades artesanais partilhadas, constituíam um “fazer junto”. Os ouvintes participavam do relato narrado, e este possuía uma instabilidade vivente: era aberto por definição e se metamorfoseava ao sabor das diversas experiências enunciativas. Tratava-se de uma arte irmanada às distâncias, tanto no sentido espacial quanto temporal: as estórias vinham de longe,

trazidas por marinheiros e forasteiros; ou então procediam de antigamente, da noite mítica dos tempos. (SIBILIA, 2008, p. 40)

2.2 Os coletores de histórias

A narrativa anônima mais antiga de que se tem notícia – ainda segundo Nelly Coelho – é *Callila e Dimna*, remonta ao século V a.C. Trata-se de uma história composta por várias narrações, que não dependem uma da outra, mas possuem o mesmo fio condutor. Embora fosse muito popular foi considerada, no século XIV, “nefasta” pelos moralistas cristãos, por possuir conteúdos violentos, propor a exaltação da astúcia sobre a força além de apresentar condutas sexuais consideradas condenáveis.

Muitas dessas narrativas primordiais traziam também uma visão negativa da mulher. Essa costumava agir – muitas vezes, representada por serpentes ou bruxas – desvirtuando o homem do seu caminho, na tentativa de corromper seu caráter casto e puro. Um exemplo clássico dessa visão degradante da mulher pode ser encontrada no livro *Sendebâr*, cujo provável autor foi o filósofo indiano Sendabab, que foi traduzido para o castelhano com o título *Libro de los engannos e los asaymentos de lãs mugeres*, nome esse que acentua o caráter traiçoeiro atribuído ao universo feminino. Essa história é composta por vinte e seis narrativas que se desenvolvem em cadeia, sendo o motivo a falsa alegação da madrasta (mulher) de que seu enteado, o filho do rei, a teria tentado violentá-la (motivo sexual). Essas histórias eram contadas para grupos compostos por pessoas de idades bastante diferentes. Essa narrativa, aliás, foi uma inspiração para o livro *As aventuras de Simbad*, bastante popular entre os jovens leitores vários séculos mais tarde.

Outra obra, que também gira em torno de figuras femininas, *As mil e uma noites* se desenrola a partir da traição cometida pela primeira esposa infiel do rei Shariar que, se transforma em um déspota vingativo e frívolo, após ter sido traído. Anos mais tarde a engenhosa Sherazade, graças a sua inteligência e habilidade para contar histórias, seduz o rei e consegue adiar durante mil e uma noites suas núpcias e conseqüente morte. Muitas das histórias narradas pela princesa são hoje recontadas para crianças orientais e

ocidentais; no entanto, algumas delas foram expurgadas de certos detalhes considerados inapropriados.

Durante o período medieval, aliás, Nelly Coelho afirma que se desenvolveram basicamente dois tipos de narrativas: a popular e a culta. A primeira, de origem oriental ou grega é representada, sobretudo, pelas *Fábulas de Esopo*, contos exemplares, que possuem caráter catequizador e pretendem moldar o comportamento dos membros da sociedade, para hajam segundo as regras necessárias para a convivência e a sobrevivência do grupo, naturalizando-as com vistas a que não fossem questionadas. Já a narrativa culta, de inspiração ocidental, deu origem às novelas de cavalaria. Nelas os homens desbravam o mundo em busca de aventuras e dos amores carnavais, por um lado, representados pelas mulheres que eles encontravam em seus caminhos e com as quais mantinham relacionamentos sexuais, e, por outro lado, dos amores castos, representados pela donzela ideal que espera, em casa, a chegada do guerreiro ao final de suas aventuras.

As novelas de cavalaria, nesse período, eram restritas aos castelos e à nobreza: tratava-se de uma atividade considerada superior, exercida por homens sábios que tinham conhecimento das coisas. Por tais motivos, esse tipo de literatura demorou um tempo maior para conquistar o gosto popular. No Brasil, a tradição da cavalaria só chegou por volta do século XVII, através dos colonizadores portugueses, sendo editada pela primeira vez em 1840 e conquistando as crianças até se enraizar na cultura popular nacional, sobretudo na literatura de cordel nordestina. Luís da Câmara Cascudo em sua obra *Cinco livros do povo*, refere-se a cinco personagens encontrados na literatura de cordel inspirados nessas novelas de cavalaria. São elas: *Donzela Teodora*, *Roberto do Diabo*, *Princesa Magalona*, *Imperatriz Porcina*, *História do imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França*. Outro destaque brasileiro, influenciado, também, pela novelística da Europa medieval, destinado ao público infantil é série *Xisto*, escrita por Lucia Maria Machado. Muito desse ideário medieval, aliás, também é encontrado na literatura das histórias em quadrinhos, cujas características serão descritas no próximo capítulo.

Uma obra importante, descrita por Nelly Coelho, em seu livro citado acima, que mescla os artificios das fontes orientais como *Calila e Dimna* e a novelesca ocidental é *Disciplinas clericais*, de Paulo Afonso, escrita no século XII. Essa texto narra os

conselhos picantes, de ordem sexual, que um pai dá a seu filho quando considera que ele está pronto para sair de casa. Como base para seus ensinamentos, está o conhecimento das fábulas populares contadas, ainda hoje, às crianças de todo o mundo. Outra obra que marcou esse momento de passagem, e que influenciou as narrativas infantis por seu caráter cômico e jocoso é o *Decameron*, de Bocaccio, que também contém várias histórias de conteúdo sexual e transgressor, com homens e mulheres astutos que tentam conquistar um objeto, amoroso ou material, através da trapaça.

Cabe lembrar que naquela época não existia, ainda, a imprensa; portanto para eternizar suas obras, os autores contavam com a ajuda de copistas. Isso prova que, mesmo durante a longínqua Idade Média, já existia certa necessidade de fixar e firmar uma obra acabada, que não estivesse a mercê das nuances provocadas pela transmissão oral.

Com o início da decadência da Idade Média, porém, na sociedade européia emergiu uma classe que logo passaria a ser dominante – a burguesia. O pensamento liberal-burguês é humanista e se distingue, em muitos aspectos, do pensamento medieval, exalta outros valores e propaga outra moral. Essa nova classe enaltecia o conhecimento secular bem como a capacidade de gerar riqueza e lucro. As transformações nos modos de produção e nas relações humanas, que caracterizaram esse intenso período, por sua vez, geraram mudanças em todos os âmbitos da vida, inclusive nas artes e, portanto, também na literatura. O século XV, que assinala a consolidação da classe burguesa e o início da Renascença é marcada pelas Grandes Navegações, a proliferação do uso do papel e a invenção da imprensa, em 1458.

Esse artefato, a imprensa possibilitou uma verdadeira “revolução” na produção, circulação e consumo das histórias. A consolidação dessas mudanças, porém, demorou certo tempo para se disseminar pela Europa e, depois, também, pelo mundo inteiro. Sobretudo, não foi de imediato que essas imensas transformações atingiram as classes mais populares. Além disso, vale acrescentar que essas transformações requeriam uma alfabetização massiva da população, algo que só veio a ocorrer muito tempo depois. E, por último, cabe lembrar que durante esse período ainda não havia sido criado um sentido de “infância” como nós conhecemos; e por isso, a moral era a mesma para todos os membros da sociedade, independentemente de sua idade biológica e, portanto, todos compartilhavam das mesmas obras.

Nesse ambiente, Gianfrancesco Caravaggio escreveu o livro *Noites Agradáveis* (1554), que obteve grande êxito também na Espanha e em Portugal. Trata-se, na verdade, de uma coletânea na qual o autor registrou histórias que circulavam, ainda oralmente, entre as camadas mais populares da Itália. Nesse mesmo sentido, descreve Bruno Bettelheim em *A psicanálise dos contos de fada*, Giambattista Basile publicou, em 1600, o *Conto dos contos*. Nesse livro se encontravam os primeiros registros dos contos de fada ou de encantamento que conhecemos hoje, dentre as quais cabe mencionar *O gato de botas*; *Sole, Luna e Talia* (hoje conhecida como *A bela adormecida*) e *Zezzola (A gata borralheira)*.

No entanto, vale esclarecer que as versões narradas por Giambattista Basile, no início do século XVII, são bem mais cruéis que aquelas contadas nos dias e hoje: os contos de fada ainda não eram uma narrativa considerada exclusiva para crianças. O conceito de infância começava a se fortalecer entre os intelectuais da época, mas, no entanto, permanecia ignorado pela maioria da sociedade.

Em seu livro acima mencionado, Bruno Bettelheim descreve vários símbolos por ele considerados sexuais, que aparecem com insistência nesse tipo de relato. Para exemplificar, vale ressaltar as diferenças encontradas ao longo do tempo em *A bela adormecida*. Enquanto na história contada na atualidade, a princesa acorda com um beijo do príncipe salvador, a versão narrada por Basile é bem mais trágica. Ao chegar ao palácio, o rei se encanta pela beleza da jovem Tália, que se encontra desacordada, e a estupra enquanto ela ainda dorme. Nove meses depois, ela dá a luz a duas crianças e “quando um dos bebês desejava mamar, não conseguiu encontrar o seio e colocou na boca o dedo que foi espetado. O bebê sugou com tamanha força que extraiu a farpa, e Tália foi despertada como que de um sono profundo.” (BETTELHEIM, p. 314). Esse despertar é, sem dúvidas, muito mais brusco do que o inocente beijo dado pelo príncipe encantado nas versões posteriores.

Em meados do século XVII, quando o conceito de infância começava a se disseminar dentro as classes mais populares, a literatura pautada no público infantil destaca-se na sociedade. Esse período é marcado pela volta aos relatos clássicos exemplificados pelas fábulas de La Fontaine, os contos de Charles Perrault e o *Telemaco* de Fénelon. Segundo Bettelheim, nessa época, nenhuma informação contida

nesses contos e histórias é aleatória, pois sempre possui um objetivo elevado de acrescentar valores e conhecimentos a seu público infantil.

Charles Perrault publicou, em 1697, o livro *Contos da mãe Gansa*, que o consagrou como autor, apesar de se tratar mais de uma compilação de relatos populares, e embora naqueles tempos esse tipo de literatura fosse considerada de menor importância. Para efetuar essa seleção, Perrault escolheu apenas onze contos, com o objetivo de resgatar o passado francês para provar que ele era tão grandioso como o dos gregos, exaltados pelo neoclassicismo vigente na época. Para verificar a diferença entre as histórias de Basile e Perrault, pertinentes cada uma a seu período histórico, citaremos, de novo, o caso de *A bela adormecida*.

No conto resgatado por Basile, o rei-pai é substituído na história, completa e rapidamente, pelo rei-esposo – nada se sabe a respeito do primeiro podendo, perfeitamente, ambos se personificarem na mesma pessoa. Isso demonstra, segundo Bettelheim, uma propensão edipiana, diferente do que acontece na versão narrada por Perrault. Nesse caso cem anos se passaram durante o sono profundo da princesa, tempo que deixa bem claro que o primeiro rei (pai) não guarda relação alguma com o segundo aquele que será responsável pelo despertar da moça. Na história de Perrault há uma fada má, que não existe em Basile, e que lança uma maldição na criança por ter sido rejeitada pelo rei, algo que também pode ser estudado sob o ponto de vista da rejeição sexual. Sendo assim, percebemos que o relato de Perrault se esforça por abrandar as questões sexuais contidas nas histórias folclóricas, tornando-as mais “leves” ao excluir delas o estupro e a fusão entre os reis: o pai e o esposo.

2.3 O livro impresso e a leitura silenciosa

O século XVIII marca uma clara ascensão do capitalismo, e com ele também da burguesia, da infância e do romance. A impressão em larga escala de livros e jornais, nessa época, junto com a democratização da alfabetização, deslocou para o ambiente privado o hábito da leitura, que passou a ser mais íntimo e individual que compartilhado e oral. Essa mudança implica a transformação gradativa de uma “sociedade traditiva” para outra “introduzida”, de acordo com os conceitos de David Reisman. Surgiu assim uma forma de construir a subjetividade que é típica da Idade Moderna. Nesta sociedade, na qual cada vez mais pessoas são alfabetizadas e sabem ler silenciosamente, os contadores de histórias perdem espaço para os coletores de histórias, tais como Basile e Perrault, e sobretudo para autores originais, como Daniel Defoe.

Neste quadro, o antigo ouvinte torna-se um moderno leitor, o que implica um deslocamento do foco de atenção do sujeito e também novas formas de relacionar consigo, com os outros e com o mundo. As rodas de contação de histórias, tipicamente orais e rurais tornam-se raras nos ambientes urbanos da sociedade burguesa. O novo leitor requer um espaço físico silencioso e não contaminado por outras presenças, ainda que compartilhado como as bibliotecas plurais e, no entanto, silenciosas. Assim o sujeito moderno lê sozinho, compreende o texto e, nesse momento de introspecção constrói sua subjetividade. Os debates acerca das concepções de cada leitor podem ocorrer, inclusive com sérias discrepâncias quanto a interpretação de cada relato, divergências essas que enriquecem a leitura introspectiva por assinalar a singularidade individual.

A infância já tinha se tornado, naquele tempo, um conceito arraigado na sociedade, e a literatura exclusiva para esse público emergiu como uma necessidade iminente. Entre as adaptações construídas para o universo infantil, nessa época, podemos citar o *Robinson Crusoe*, escrito por Daniel Defoe em 1719. O sucesso que esse livro teve entre as crianças e jovens pode ser atribuído tanto à sua linguagem, clara e objetiva, como à sua temática aventureira, que despertava o interesse principalmente dos meninos. A liberdade consciente e individual é um dos valores que essa obra pretende apregoar: ser livre é ser responsável para conseguir arcar com as conseqüências de cada um de nossos atos. Pode-se fazer um paralelo entre as aventuras

vividas por Robinson e o sofrimento necessário das crianças ao passar pela puberdade – é preciso crescer para ser livre por mais difícil que isso possa parecer.

Cabe sublinhar que esse argumento também está presente na obra de Maurício de Sousa que constitui o foco desse trabalho: *A turma da Mônica jovem*. Um exemplo seriam as três revistinhas que compõem a saga *Monstros do ID*, na qual os personagens da turma se confrontam com seus próprios instintos ou tendências características, tais como a compulsão por comida da Magali e a personalidade forte da Mônica. Segundo o gibi, só assim é possível tornar-se adulto: crescer é, então, saber dominar as suas próprias compulsões, entre as quais se encontra, também, a sexualidade. Segundo Nelly Coelho, em alusão à obra de Defoe:

Tal como Robinson, os meninos e meninas enfrentam no seu crescimento, o difícil processo de ajustamento ao mundo desconhecido do “adulto”; e como aquele “herói” dispõe apenas de alguns poucos elementos de ajuda exterior. Como Robinson precisam lutar contra as carências ambientes; sentem insegurança e medo; sentem solidão... mas descobrem a possibilidade da vitória e o poder das forças da Vontade, para vitória final. (Coelho, 1985, p.93)

A literatura burguesa, plasmada principalmente no romance, atinge seu apogeu no século XIX, quando as tradições do popular e do erudito se mesclam para gerar a representação de uma nova visão de mundo. A criança é, nesse novo universo, de algum modo, superestimada, inaugurando uma tendência que permanece até hoje, mesmo considerando suas matizes e suas variações históricas.

Os coletores de histórias populares mais importantes desse período são os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm: seu livro intitulado *Contos de fada para crianças e adultos* foi publicado entre 1812 e 1822. Seu caráter era ainda mais “conservador” que os *Contos da mãe Gansa*, publicado por Perrault mais de um século antes. Para exemplificar, ainda com base no relato *A bela adormecida*, é nessa a versão que um beijo desperta a princesa para a felicidade eterna. Nas duas outras versões aqui comentadas, sempre segundo Bettelheim, a jovem ainda precisava passar por algumas provações após seu despertar. No conto de Basile, por exemplo, o rei estuprador que a liberta do sono profundo era casado com uma ogra que tentou devorar os filhos bastardos de seu marido; já no relato resgatado por Perrault, a esposa torna-se sogra da princesa,

expurgando assim do conto a bigamia do rei. Só depois de morta a mulher invejosa, esposa ou sogra (dependendo do coletor), a princesa pode alcançar a sonhada liberdade e felicidade eterna.

O beijo salvador, aliás, é um tópico presente em muitos dos contos maravilhosos, inclusive em suas versões mais modernas e contemporâneas. Cabe sublinhar que esse gesto é também o meio pelo qual a personagem Marina quebra o encanto lançado por uma bruxa sobre o seu namorado, Franjinha, no terceiro capítulo da saga *O aniversário de quinze anos da Marina*, em um dos gibis de *A turma da Mônica jovem*.

Voltando às adaptações de *A bela adormecida* ao longo dos séculos, vale ressaltar que em todos os três casos aqui mencionados é possível encontrar muitos simbolismos sexuais, explícitos ou não. A menina furará o dedo aos quinze anos, por exemplo, uma idade emblemática, sobretudo para as moças, que, em muitas culturas, assinala o fim da infância (idade na qual costumava acontecer a menarca antigamente).

Além disso, essas histórias narradas por Basile, Perrault e os irmãos Grimm, possuem pelo menos alguns pontos em comum: um só núcleo dramático, de problemática simples e bem configurada. A narrativa é fácil de ser compreendida e mesmo decorada; por isso, não surpreende que tenha feito tanto sucesso com os leitores mais novos. Em quase todos eles ocorre, imutável, aquilo que o destino previa.

Outro símbolo muito forte, que está presente em todos esses relatos de *A Bela adormecida* é o da roca que representa a feminilidade: fiar era uma atividade reservada às mulheres. Sempre segundo Bettelheim a simbologia sexual presente nesse objeto, a roca, é também muito marcante; ele afirma que nos, relatos antigos, ao ver a velha fiando a menina questiona o seguinte: “Que coisa é essa que salta de um lado para o outro de modo tão engraçado?”. Mais adiante, o autor se refere à simbologia contida no final feliz de todas essas histórias:

Muitos príncipes tentaram chegar a Bela Adormecida antes que seu tempo de maturação tenha acabado; todos esses pretendentes prematuros permanecem nos espinheiros. Essa é uma advertência à criança e aos pais de que o despertar sexual, antes de a mente e o corpo estarem prontos para ele, é muito destrutivo. Mas quando a Bela Adormecida finalmente adquire maturidade física e emocional e esta pronta para o amor, assim como para o sexo e o

casamento, então aquilo que antes parecera impenetrável cede. O muro de espinhos subitamente se transforma numa cerca de flores grandes e belas que se abre para deixar o príncipe entrar. (Bettelheim, 2010, p.321)

Por último, Hans Christian Andersen é o sucessor desses coletores de relatos europeus, com suas coletâneas publicadas entre 1835 e 1872. Sendo dinamarquês e muito nacionalista, suas versões dessas narrativas defendiam os valores tradicionais populares, valorizando o cotidiano e a sociedade patriarcal, liberal, cristã e burguesa. Cabe lembrar que a moral dessas histórias costumava propagar a igualdade entre os homens, nem que fosse após a morte, como acontece no caso de *A pequena vendedora de fósforos*. Apesar de passar por grandes sofrimentos durante a vida, essa personagem é absolvida no final, indo para o céu e encontrando sua avó após a morte. Nesse sentido, a vendedora de fósforos é o emblema perfeito das histórias conformistas daquela época: ela não se revolta, não reclama, obedece pacientemente às contingências do seu destino, esperando sua redenção ao céu como fonte purificadora do seu penar.

No entanto, essa passividade não condiz com o espírito inquisidor que esperamos que as crianças tenham atualmente. Inclusive, hoje, essa característica exaltada naquele relato pode ser considerada uma visão negativa do espírito infantil, pois as crianças não devem, do ponto de vista de nossos tempos, se conformar com a realidade que lhes é imposta. Franjinha, um dos personagens mais famosos dos quadrinhos assinados por Maurício de Sousa, mesmo nas revistinhas tradicionais, quando ele ainda era criança, não deixava de questionar o mundo. Ele é o menino mais inteligente da turma e, utilizando seus profundos conhecimentos científicos, sempre efetua “invenções” com o intuito de interferir na realidade e facilitar seu cotidiano e o de toda a “turminha”.

Continuando a genealogia da literatura infantil que está sendo aqui esboçada, na segunda metade do século XIX, em 1862, surgem dois dos livros mais emblemáticos de uma nova vertente literária: o *nonsense* do realismo fantástico. Trata-se de *Alice no país das maravilhas* e *Alice através do espelho*, ambos escritos pelo britânico Lewis Carroll. Nesses relatos, uma menina é transportada para uma dimensão fantástica, na qual o impossível pode se concretizar. Existe neles uma subversão das leis exatas da natureza, bem como da linguagem utilizada nas narrações. Ao contrário do que ocorreu com

obras mais antigas, como *Dom Quixote de La Mancha*, essas duas histórias foram concebidas para serem lidas por crianças, embora hoje também sejam lidas por adultos.

Eis um sinal do início de um estreitamento, que começou a se desenvolver no final do século XX, entre os assuntos considerados próprios para as crianças e aqueles exclusivos para os adultos. Essa mesma tendência pode ser constatada, também, nas obras de Monteiro Lobato e terminará de se concretizar na contemporaneidade. No entanto, cabe sublinhar que essa aproximação não se dá mais pelo desconhecimento da infância como um período específico da vida, como ocorria no período pré-moderno. Ao contrário, a nova tendência se apóia na necessidade de construir um novo tipo de “infância”. Nessa redefinição, as questões que perpassam o universo adulto e infantil são basicamente as mesmas, mudando somente a profundidade da visão com a qual são abordadas.

Esse fator é fundamental para esta pesquisa, pois o presente trabalho tenta traçar o perfil da criança contemporânea como diferente, sem dúvida, da criança medieval – período no qual ela era exposta ao mundo adulto sem qualquer cuidado por sua preservação – mas também se distanciando cada vez mais das crianças modernas. Estas últimas viviam enclausuradas e, de algum modo, eram isoladas em um espaço no qual certas questões eram proibidas ou constituíam tabus. Hoje, porém, as crianças convivem no mundo adulto, embora suas diferenças ou suas peculiaridades sejam respeitadas. As adaptações realizadas pelo autor Maurício de Sousa na passagem de *A turma da Mônica* em sua versão tradicional para *A turma da Mônica jovem*, ilustram de modo muito interessante algumas dessas transformações.

Retomando, agora, o percurso genealógico que constitui o cerne deste capítulo, cabe lembrar que no início do século XX, outro escritor britânico, James Barrie escreveu a história de *Peter Pan*, um menino que se recusava a crescer. Essa obra marcou o ápice da exaltação da infância que caracteriza a era moderna. O personagem de Peter Pan não é mais inocente e passivo, como aqueles dos contos de fada: ele é ativo, e inclusive fabrica suas próprias aventuras. Como não possui memória, porém, não é capaz de amadurecer: não sofre, quase não sente. Por isso, a pesquisadora Isabelle Cani o considera um “desalmado”, em sua obra intitulada *Harry Potter ou o anti-Peter Pan*. A história de Barrie valoriza o “faz-de-conta”, principalmente no universo masculino. Já a mulher, representada por Wendy, é mais ligada à realidade: não consegue esquecer os

pais e, por isso, nunca se desconecta da vida real. Mas é significativo que, salvo Wendy, na Terra do Nunca os meninos perdidos são todos do gênero masculino.

Essa questão do gênero é importante. Pois esse espírito aventureiro continuará a aparecer em várias obras infantis do século XX, mas em *Peter Pan* se destacam, além das inúmeras aventuras, as brincadeiras de “faz-de-conta” com certo viés que hoje considerariamos sexista. Nelas, Peter sempre representava o pai e Wendy a mãe, ambos com papéis bem definidos: ele saía de casa para efetuar suas conquistas no espaço público, enquanto ela cozinhava, cuidava dos filhos (interpretados pelos demais meninos perdidos) e lhes contava histórias para que eles dormissem. A virilidade é destacada então nas batalhas com os piratas ou as sereias, enquanto a feminilidade se restringe ao espaço doméstico da privacidade relacionado com os cuidados caseiros, conforme recomendava a moral burguesa então vigente.

Por outro lado, nessa narrativa há uma mulher que se envolve na relação dos dois, formando um triângulo amoroso. Trata-se da enciumada fada Sininho, que chega a atentar contra a vida da rival por temor de perder a amizade de Peter. Em nenhuma dessas relações, porém, o sexo está presente de um modo explícito, talvez porque esse comprometimento requereria um amadurecimento do qual Peter Pan pretende escapar, além de que esses assuntos seriam coibidos pelas severas normas morais da época.

2.4 *Harry Potter, Crepúsculo* e a criança contemporânea

Já na contemporaneidade, a obra literária infantil de maior sucesso do século XXI provavelmente seja a saga de *Harry Potter*, escrita por J. K. Rowling e publicada entre 1997 e 2007. O personagem de Harry Potter é a própria imagem da criança atual: inteligente e interativo. O imenso e variado público conquistado pela obra confirma o já mencionado estreitamento que ocorre atualmente entre os temas infantis e os adultos, bem como entre os produtos consumidos por ambos os tipos de público, inclusive no campo da produção cultural – uma tendência impulsionada, também, pelos incrementos tecnológicos que agregam atrativos adicionais a tais criações. De acordo com as

pesquisas que costumam ser divulgadas, seus leitores têm idades variadas, situando-se, sobretudo, na faixa dos sete até os quarenta anos.

A narrativa de *Harry Potter*, embora seja fantástica, de algum modo se aproxima do cotidiano das crianças contemporâneas, principalmente através de dois fatores: a exatidão da descrição do universo escolar e o desenvolvimento dos personagens, que crescem e amadurecem no decorrer da trama. Algo semelhante acontece com a saga *Crepúsculo*, escrita por Stephenie Meyer, outro sucesso da literatura atual. Cabe acrescentar aqui algo muito relacionado com as mudanças ocorridas em anos recentes, que este trabalho procura compreender: a popularidade dessas duas obras literárias não se reflete, apenas, aos milhões de livros vendidos em todo o mundo, mas também as suas versões cinematográficas. Assim como as produções impressas, as versões audiovisuais constam de vários filmes em cada caso, que primeiro passam nos cinemas e depois são retransmitidos pela televisão e vendidos em forma de DVD para o consumo doméstico. Há, também, um intenso merchandising, que inclui desde os sites na internet e os videogames de ambas as sagas até os mais diversos produtos e serviços delas decorrentes, que também são vendidos nos mercados globais e conquistam o público.

No que se refere a *Crepúsculo*, cabe lembrar que a figura do vampiro é associada a um clima de sedução na tradição ocidental, algo que está presente também na obra de Meyer. No entanto, ela registra várias atualizações para adaptar esse mito ao contexto contemporâneo. Seu protagonista, por exemplo, o vampiro Edward, substituiu a tradicional capa preta por uma jaqueta de couro e o cavalo pelo carro: um Volvo. Entretanto, ele ainda guarda a característica essencial vampíresca: o desejo pelo sangue de Bella, a mulher por quem se apaixona. Tal instinto pelo consumo sangue, a atração pelo pescoço da moça e a sedução, são símbolos presentes nas obras desta saga, que carrega um grande apelo sensual. Diferentemente do que ocorre nas obras vampírescas tradicionais, porém, Edward sai da escuridão para luz, mas guarda ainda seu lado escuro.

A pesquisadora Glória Helena Pereira Nunes, em seu artigo intitulado “Das Bruxas de *Macabeth* ao vampiro de *Crepúsculo*: um breve passeio pelas representações de vampiros e feiticeiros nas literaturas de língua inglesa”, explica essa dualidade entre luz e obscuridão do seguinte modo:

Por tudo isso, acreditamos que a imagem de um vampiro que faísca como um diamante traz consigo a quebra de um paradigma em que vampiros e

feiticeiras tinham lugares muito definidos e pertenciam necessariamente ao mundo da escuridão. No entanto, assim como a Inglaterra de Shakespeare passava por profundas transformações que forçavam o indivíduo a repensar seu lugar na sociedade, vampiros como Edward Cullen, ao serem associados à luz – sem perder seu lado obscuro – refletem a era em que foram concebidos: um mundo fora do lugar, um “globo alterado”, nas palavras de Hamlet, enfim, “uma aglomeração de vapores fétidos e pestilentos” em que habita o homem, “nobre em sua razão”, e, ao mesmo tempo, “quintessência do pó”, tentando encontrar a si mesmo. (NUNES, 2011, p.51)

Já em Harry Potter, a oposição entre os bruxos e os “troxas” (denominação dada pelos bruxos àqueles que não possuem poderes mágicos) é uma metáfora da superioridade das crianças sobre os adultos, mas há um acordo consciente de que uma antecede a outra e, inevitavelmente, uma substituirá a outra. Assim, a escola Hogwarts perde gradativamente a importância no enredo da obra, passando para a cidade mágica o cenário principal das experiências vivenciadas por seus personagens. Quanto à sexualidade implícita no livro Isabelle Cani analisa, em sua obra *Harry Potter ou o anti-Peter pan*, que as vassouras e varinhas são objetos potencialmente fálicos que estão muito presente nessa aventura. Os pequenos bruxos, principalmente os meninos, comparam constantemente o tamanho e o poder de seus artefatos, promovendo disputas que giram em torno do poder neles contidos.

Enfim, se bruxos e bruxas seguram certamente suas varinhas, os personagens masculinos são os únicos que “se gabam que as suas são maiores e mais potentes”, como diz Hermione com desdém no livro VII. Uma conduta ao mesmo tempo bem masculina e bem pueril, em um simbolismo tão transparente que dispensa comentários! (Cani, 2008, p.113)

Quanto as relações amorosas entre os personagens principais presentes na obra – Harry e Gina, Honny e Hermione – são consideradas as mais “verdadeiras” aquelas despertadas ainda na infância. Suas manifestações sexuais amadurecem junto com os personagens: nos primeiros volumes Harry ignora Gina, a mulher com quem vem a se casar próximo ao fim da saga, por considerá-la muito nova e inexperiente. Hermione é também desqualificada pelos meninos, inclusive Honny, por ser demasiadamente enquadrada seguindo todas as regras que lhe são impostas. Essas implicâncias acabam por se transformar em paixão e, por fim, em compromisso amoroso.

A turma da Mônica jovem segue esse mesmo padrão. A relação entre os protagonistas Mônica e Cebola nasce nas implicâncias da infância, quando o Cebolinha chamava a amiga de “dentuça” e “gorducha”, mas se transforma em paixão na adolescência. Nessa fase da vida, eles continuam a provocar um ao outro fingindo atração por outros personagens, a fim de despertar ciúmes ou esconder seus sentimentos amorosos. Foram necessários trinta e quatro volumes (quase três anos de publicação) para que, em fim, os adolescentes da “turma” assumissem seus verdadeiros sentimentos e começassem a namorar.

Após esse rápido percurso pela história da literatura infantil no mundo ocidental, cabe observar com maior atenção o desenvolvimento específico dessas questões no Brasil. Segundo Nelly Coelho, a produção literária começou tardiamente em nosso país. Durante todo o período colonial, inclusive, a metrópole proibia as manifestações culturais nestas terras, situação que perdurou até 1808.

Porém, a criação literária infantil nesse início, era ainda muito incipiente, tendo uma função quase exclusivamente pedagógica, com base nas cartilhas que ensinavam a moralidade e o abecedário. Nesse quadro, o primeiro autor local que ganhou notoriedade com suas histórias para crianças foi José Bento Monteiro Lobato, um escritor que também foi responsável pela abertura da primeira editora do país, em 1918. Ele foi consagrado na literatura infantil, tanto pela sua obra reunida na coleção *O sítio do pica pau amarelo* como por seus personagens lúdicos, que povoaram – e ainda povoam – o imaginário brasileiro. Essa coleção narra as aventuras mágicas de Pedrinho e Narizinho, nas férias que passam no sítio da avó Dona Benta, com personagens realistas como a Tia Anastácia e Barnabé, e outros míticos como o Saci Pererê, a Cuca ou a boneca falante Emilia.

Fazendo uso do pó mágico de pirlimpimpim, os personagens dessa obra são transportados para outros tempos e realidades, como a Roma ou a Grécia Antiga, por exemplo, vivendo e interferindo em momentos históricos tanto reais quanto fictícios; ou recriando em roupagem nacional algumas figuras famosas da literatura mundial, tais como os animais das *Fábulas de Esopo*. Desse modo, Monteiro Lobato pretendia instruir e divertir através da literatura, criando um universo que incentivasse as crianças a pesquisar e aprender. O escritor acreditava que todos os assuntos deveriam ser discutidos com as crianças, pois estas seriam capazes de compreender o mundo desde

que fosse usada a linguagem apropriada. “Não será mentindo às crianças que consertaremos as coisas tortas” (SILVA, p.57), afirmou, segundo Lutiene Marques Silva, em seu artigo intitulado *Monteiro Lobato o homem*, quando viu alguns de seus livros serem considerados subversivos e mesmo queimados em praça pública. Lutiene Silva afirma ainda em seu artigo:

Com Lobato, os pequenos leitores adquirem consciência crítica e conhecimento de inúmeros problemas político-existenciais concretos. Desmistificando a falsa moral tradicional, Lobato prega a verdade individual. Instaura, portanto, a liberdade. Sem coleiras, pensando por si mesma, a criança vê um mundo onde realidade e fantasia se mesclam, e vê mais: que ela pode ser agente dessa transformação. (SILVA, 2010, p. 57)

Assim como as obras recém comentadas, e muito antes delas, que fazem sucesso na atualidade, os livros de Monteiro Lobato também alcançaram a televisão, um meio de comunicação de massa consagrado no século XX, e, ainda, extremamente presente no cotidiano da sociedade contemporânea. A adaptação de maior sucesso estreou em 1977, e foi eleita pela UNESCO como um dos melhores programas infantis do mundo. Em 2001, uma nova versão foi ao ar pela *Rede Globo* com um grande diferencial: a tentativa frustrada de introduzir, no cotidiano do sítio, novas tecnologias que já eram comuns no dia-a-dia de seus espectadores. Assim, foram ao ar algumas cenas nas quais Dona Benta tentava convencer Tia Anastácia para que usasse microondas, refrigerador e batedeiras. Além disso, aparecia um computador, através do qual Dona Benta se comunicava com a filha Antonieta e o neto Pedrinho.

Contudo, o público não reagiu positivamente a essas inovações, uma rejeição bastante interessante para nosso estudo, pois os emails são ferramentas de comunicação bem mais comuns para as crianças atuais do que as cartas, que era o meio de comunicação habitual entre os habitantes do sítio e os da cidade nas versões anteriores do programa televisivo. Mas a introdução da informática no ambiente mágico do sítio foi considerada desnecessária pelos produtores da série, pois pouco interferiu no desenrolar dos episódios, além de não ter agradado aos telespectadores. A falta de sentido entre o uso de objetos antigos e os atuais pode ter causado certa estranheza e uma impressão de artificialidade, o que possivelmente provocou o fracasso dessa investida, que acabou sendo esquecida por completo nas últimas temporadas da série. Talvez seja essa a dificuldade encontrada, também por Maurício de Sousa, para

transplantar o cotidiano do personagem rural Chico Bento para as histórias de *A turma da Mônica jovem*, repletas de tecnologias que, algumas vezes, não se encaixam bem ao bucolismo rupestre. Maurício de Sousa é um cartunista brasileiro que, assim como Monteiro Lobato, se consagrou internacionalmente ao criar a revista de histórias em quadrinhos *A turma da Mônica* e sua sucessora, *A turma da Mônica jovem*, obras que constituíram o principal objeto deste estudo.

O breve percurso aqui efetuado pela história da literatura infantil, tanto no Brasil como no mundo, teve por objetivo constatar que ela constitui uma importante ferramenta para a cristalização dos valores morais e éticos das sociedades nas quais circulam. Nesse sentido, tais relatos desenvolvem a função de agentes criativos, mas também, coercitivos. Através de sua circulação, criam-se ou se disseminam certas normas de conduta que, mesmo sem ser explícitas, são absorvidas pelos ouvintes, leitores ou espectadores. E, quase que naturalmente, passam a integrar os hábitos das populações, embora nem sempre sejam racionalizadas. Por outro lado, os relatos permitem também a criação de um espaço no qual as pessoas podem realizar as transgressões que, muitas vezes, gostariam de viver em seus cotidianos, sem receber punições nem se arriscar demais.

Essa dupla função pode parecer paradoxal; no entanto, é extremamente eficaz e, apesar das intensas transformações que atravessamos, ainda continua operando no mundo contemporâneo. Como observou David Reisman em seu livro já citado, *A multidão solitária*:

Conquanto aceitem os arreios de sua cultura e dificilmente consigam conceber outra, as pessoas não permanecem inteiramente inconscientes da coerção: suas histórias, como freqüentemente seus sonhos, constituem o refúgio e o socorro dessa consciência e permiti-lhes prosseguir com sua vida cotidiana. (Reisman, 1950, p.151)

A partir das reflexões expostas nesse capítulo, cabe observar a estreita relação que existe entre a literatura infantil de cada época e o público para ao qual ela é produzida. As histórias se transformam junto com as sociedades que as criam, com o intuito de se ajustarem ao universo das crianças, que por sua vez também são influenciadas pelas histórias em um ciclo de constante movimento. Nesse processo, as questões relativas à sexualidade também se alteram segundo a moral e as necessidades de cada época, mas

estão sempre presentes – ainda que implicitamente, em certos casos – no contexto das narrações. As histórias em quadrinhos, que serão discutidas com mais profundidade no próximo capítulo, não diferem, nesse sentido, daquelas aqui analisadas: elas também são permeadas, de diversas maneiras e conforme cada caso, por insinuações de cunho sexual.

Capítulo III

Um estudo das histórias em quadrinhos

3.1 A evolução dos quadrinhos

A “história em quadrinho” é um gênero literário consolidado, hoje, em todo o mundo, tanto ocidental como oriental, embora, obviamente, receba nomes diferentes em cada país: HQs no Brasil, *bande dessinée* na França, *mangá* no Japão, *comics* nos Estados Unidos.

Mesmo que possam ser destacadas várias diferenças estilísticas, como analisaremos mais adiante, entre as HQs brasileiras e os *mangás* japoneses, todos esses termos designam o mesmo gênero literário. Nele imagem e texto se fundem para contar uma história, que perde seu sentido quando esses dois complementos são analisados separadamente. De fato não existe obrigatoriedade na inserção da palavra escrita nos desenhos seqüências: em alguns casos, os desenhos, por si só, são capazes de transmitir as informações que as histórias, ou partes delas, necessitam para serem compreendidas.

Segundo Marcus Vinicius Borges Siani em sua dissertação intitulada *Alegorias da diferença: valores, estigmas e segregação social nos quadrinhos X-Men*, embora a representação iconográfica exista desde os primórdios da comunicação humana, como podemos observar nas pinturas rupestres pré-históricas, as histórias em quadrinhos – nos moldes em que as conhecemos atualmente – surgiram somente no final do século XIX. Naqueles tempos a prensa já permitia a reprodução em larga escala tanto das

imagens como da linguagem escrita, ao mesmo tempo em que se popularizavam as ilustrações e a grande circulação dos livros tradicionais. Nos primórdios, as HQs eram veiculadas em jornais, que aumentavam suas vendas através dessas publicações periódicas, capazes de gerar grandes lucros, quanto mais eram conhecidos seus personagens e suas aventuras características. O primeiro destaque, nesse sentido, foi o personagem norte-americano *Yellow Kid*, criado em 1885 por Richard Outcault, que era publicado diariamente pelo jornal *New York World*, e mais tarde, em um caderno especial semanal que deu origem aos *comics books* – chamados gibis no Brasil.

Já a criação dos quadrinhos de aventuras, grande ícone deste gênero, aconteceu em 1920, com as publicações de *Tarzan*, adaptado pelo desenhista Hal Foster do romance homônimo de Edgar Rice Burroughs. Esse lançamento criou o ambiente que possibilitou, em 1940, o início da fase conhecida como “era de ouro dos quadrinhos”, com o aparecimento de clássicos do gênero tais como *Flash Gordon*, *Mandrake e o fantasma* e *O príncipe valente*. Por sua vez o célebre *Super-Homem*, criado em 1938, foi também um marco inicial para a criação de vários outros super-heróis que marcaram o desenvolvimento dos quadrinhos, povoando até hoje o imaginário das crianças e dos adultos que alguma vez os leram.

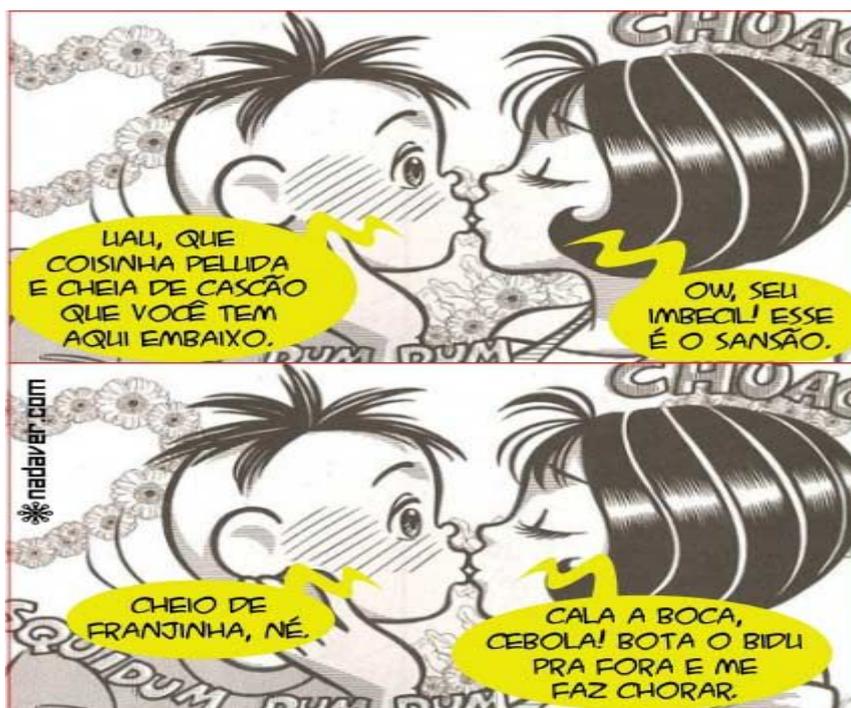
Durante os anos 1950, porém, talvez pela concorrência com o novo meio de comunicação que foi a televisão e sua estética peculiar, os quadrinhos entraram em uma fase de ostracismo, da qual só se recuperariam nos anos 1960 com o surgimento de um novo tipo de heróis que se distanciavam daqueles seres perfeitos difundidos durante a “era de ouro”. Os novos heróis eram dotados de dilemas bastante humanos, como os *X-men* e o *Homem Aranha*. Vinte anos mais tarde, os quadrinhos começaram a produzir anti-heróis, e as temáticas ganharam uma dramaticidade maior: *Hulk* espancado pelo pai, *Batman* que se torna inimigo do *Super-Homem* bem como o alcoólatra *Homem de Ferro*, por exemplo, passam a figurar nas páginas dos gibis.

Segundo a análise do já mencionado Marcus Siani a década de 1990 testemunhou outra grande mudança nas temáticas dos quadrinhos, que começaram a explorar outros assuntos. Tais como as questões sexuais, a exemplo da homossexualidade em *The Authority*, obra publicada pela editora norte-americana DC Comics, no qual os combatentes do crime eram também amantes. E os *hentais* japoneses, histórias pornográficas narradas em quadrinhos, no estilo *mangá*.

Agora, precisamente, o Brasil é o país que mais consome os *mangás* japoneses fora de seu país de origem. As primeiras publicações desse tipo foram lançadas no ano 2000 pela editora Conard: trata-se das famosas *Dragon Ball* e *Cavaleiros do Zodíaco*. Esse segmento representa a maior vendagem da indústria de quadrinhos do mundo, com números que equivalem aos lucros de todas as outras empresas da área juntas.

Outra tendência atual são as webcomics, histórias em quadrinhos criadas para circular exclusivamente na internet, idealizadas para tentar sanar a recente crise nas vendas das revistas. Como costuma ocorrer com todo produto criado para a internet, as webcomics provocaram uma revolução na circulação das histórias, bem como na sua relação com os consumidores e leitores, pois permitem uma maior interferência deles no desenrolar das sagas. Aliás, em sintonia com essas novidades, cabe mencionar que o lançamento de *A turma da Mônica jovem*, o número zero, foi publicado na internet e, no mês seguinte, foi anexado à edição número um, mas não foi vendido separadamente.

Além disso, muitas histórias não oficiais, criadas pelos fãs das revistinhas, circulam na internet no estilo *hentai*. Nelas, os personagens costumam aparecer nus e fazendo sexo. Em uma pesquisa básica realizada no *Google*, é muito fácil encontrar essas versões informais das histórias, que podem até ser acompanhadas de um aviso alertando para certa indicação etária recomendada, mas não são dotadas de qualquer artifício que impeça o acesso dos menores de dezoito anos a seu conteúdo. Algumas delas são compostas apenas por diálogos diretos, sem qualquer ilustrações originais, enquanto outras apresentam desenhos próprios e algumas, como a do exemplo abaixo reproduzido, utilizam os desenhos originais das próprias revistinhas, alterando apenas as falas para conduzir as histórias de outras maneiras.



Esse tipo de recriações, aliás, é o que aparece com mais frequência quando se faz uma pesquisa pela internet. As ilustrações são originais da revistinha número quatro dos gibis de *A turma da Mônica jovem*, no entanto, seu conteúdo foi completamente modificado. Embora não tenham recebido muitos comentários — em média, uns trinta em cada página —, foram reproduzidas em grande parte dos sites e blogs que publicam os *hentais* criados pelo público. A alusão à sexualidade dos personagens, nestes casos, é explícita.

Ainda seguindo essa linha do jogo representado pelas histórias postadas na internet pelos fãs da nova HQs, podemos encontrar também quadros que brincam com a realidade, como é o caso do leitor que criou uma revista típica do segmento de fofocas com a Mônica estampada na capa, conforme se observa a seguir. Aqui, como se vê, as alusões sensuais e sexuais tampouco estão ausentes.



3.2 A linguagem de um gênero

No Brasil, apesar das investidas impulsionadas por Antoni Agostini, no final do século XIX (por volta de 1869), a arte dos quadrinhos só se desenvolveu de fato a partir de 1905, com a publicação *Tico-Tico*, no centro da qual estava o personagem Chiquinho. Essa revista foi editada por mais de meio século, encerrando suas atividades em 1960. Os quadrinhos norte-americanos começaram a ser publicados no Brasil em 1930, através dos suplementos para crianças incluídos nos jornais para adultos, sendo *A*

Gazeta infantil, o precursor dessa novidade. Alguns anos depois a invasão das revistas norte-americanas acabou por inibir as criações do mercado interno brasileiro, que passaram a ser incipientes. Exceção a esse quadro Maurício de Souza criou os famosos personagens de *A turma da Mônica*, principal publicação brasileira do gênero e constituiu o objeto central do presente trabalho.

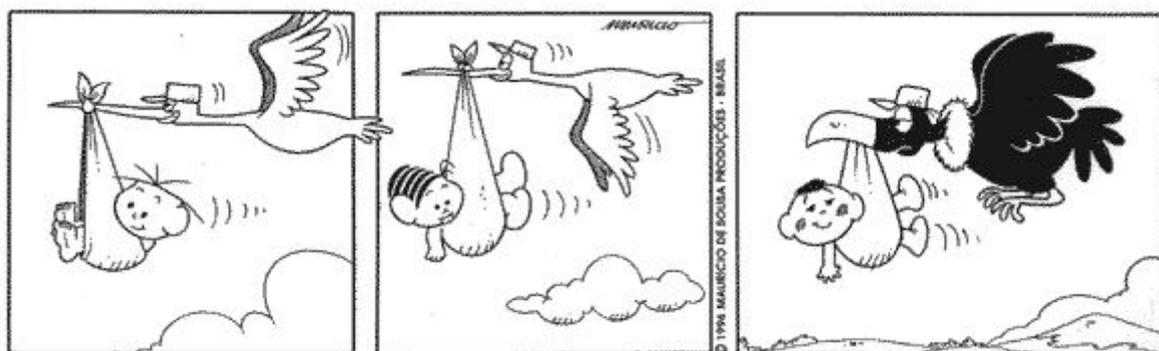
As imagens são muito importantes na constituição do universo infantil. De fato essa é a primeira linguagem que as crianças aprendem a decifrar e compreender, sendo através delas a primeira leitura que fazemos do mundo que nos cerca. As ilustrações são, por tanto, fundamentais em qualquer livro infantil. Muitas vezes, porém, elas funcionam como um elemento que se soma ao texto, uma explicação imagética do que está escrito. Nas histórias em quadrinhos, no entanto, elas possuem um papel primordial: embora nem sempre dispensem o texto escrito, as imagens possuem muitos significados por si mesmas. Através da observação de algumas “tirinhas” ou, histórias curtas, sem palavras, perceberemos como o sentido das imagens sequenciais, exclusivamente, tem a capacidade de atingir o leitor, possibilitando a construção de ideias coesas e lógicas.

As interpretações dos sentidos conotativos das ilustrações requerem certo conhecimento prévio: certo domínio de um código que se estabelece entre o narrador e o leitor para que a compreensão do objeto seja possível. Assim, por exemplo, sabemos que os riscos diagonais na face de Cascão – personagem de *A turma da Mônica* – representam sujeira; as sobrancelhas arqueadas demonstram raiva; as interrogações dúvidas e assim por diante. Esses símbolos se consolidaram no imaginário dos leitores desse gênero e funcionam como marcadores recorrentes dos fatos desencadeados, repetindo-se sempre, de maneira muito semelhante.

Esses sinais podem variar segundo o estilo de cada cartunista e da tradição dos subgêneros. Nos *mangás* tipicamente japoneses, por exemplo, quase todos os quadrinhos são em preto e branco, e a leitura se inicia a partir da contra-capá. De todo modo, dentro da mesma coleção, essas convenções devem manter uma lógica reconhecível, que ofereça um elo estável entre os emissores e os receptores da mensagem, capaz de funcionar como o código dos signos a serem decifrados. Se os símbolos não mantêm uma coerência nítida, os leitores não serão capazes de captá-los nem, portanto, de decifrá-los. Essas expressões são marcas de uma linguagem que apóia, fundamentalmente, nas imagens.

Outro conhecimento importante para a cumplicidade entre o narrador e o leitor das histórias em quadrinhos se refere às características básicas dos personagens, que se afirmam e se desenvolvem na seqüência das revistas. Assim, no caso de *A Turma da Mônica*, Cascão não gosta de água, Mônica é forte e Magali é comilona. Através desse sistema de reconhecimento, que enfatiza certos traços estereotipados podemos não só compreender a história como também reconhecer seus personagens, já que essas características são sempre relacionadas ao sujeito que elas encarnam. A imagem de Cebolinha, por exemplo, sempre será associada ao menino de idéias mirabolantes, que troca a letra “R” pelo “L” e tenta vencer a amiga Mônica.

Em suma, esses são alguns dos conhecimentos específicos que a leitura das revistinhas necessita, e eles são dominados pelo grupo de leitores ou consumidores dessas histórias. É importante ressaltar ainda que, nesse tipo de representação visual, o sentido conotativo costuma ser mais marcante do que o sentido denotativo. Ele expressa o olhar do cartunista para a sociedade à qual pertence e que procura retratar, insinuando múltiplas interpretações. Não se busca obter uma objetividade ou alcançar a verdade absoluta. Essas histórias imprimem o modo de vida - ainda que certamente estereotipado - da sociedade que as acolhe; e, embora joguem com as realidades sociais, econômicas e políticas locais, não pretendem engessá-las nem representá-las fielmente.



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

A seqüência de imagens acima reproduzida, por exemplo, faz uma comparação entre o momento do nascimento dos três personagens da história aqui focalizada: Cebolinha (reconhecido por seus cinco fios de cabelo), Mônica (representada pelos dentes maiores que o normal) e Cascão (com sua habitual sujeira na face). A compreensão desse texto, formado pelas três imagens, só é possível se conhecemos o mito da chegada dos bebês carregados pela cegonha, além de termos conhecimento prévio acerca da resistência de Cascão na hora de tomar banho, por exemplo. O realismo da lógica convencional não faz sentido quando aplicada a esse texto, pois

todos sabemos que as crianças não nascem com dentes; entretanto sem esses sinais não seria possível que reconhecêssemos tão imediatamente a figura de Mônica, por exemplo, pois os dentes grandes são sinais inequívocos que caracterizam a personagem. Dessa forma, um modo peculiar para decifrar os textos se estabelece para aqueles que dominam seus códigos, tanto do gênero como desta história em particular.

Em muitas dessas “tirinhas”, as características básicas e primordiais dos personagens são a única bagagem para a compreensão do sentido; sem elas, a lógica da narrativa se perde. Em outros casos, esses traços se constroem através de certos elementos iconográficos, que são também tipificados, mas que não justificam por si só o desenvolvimento da cena, que é compreendida mais pelas expressões faciais também codificadas do que pelas características individuais previamente conhecidas e claramente expressas. É o que acontece no seguinte exemplo:



Copyright © 2000 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5320

Ou, ainda, o sentido se estabelece, são pela seqüência dos quadrinhos propriamente dita, na qual os personagens da trama não são tão importantes quanto o episódio narrado. Nesses casos, não são necessários muitos conhecimentos prévios do pacto entre o leitor - aquele que normalmente consomem os produtos do gênero e um leigo que, por ventura, não domine inteiramente as vicissitudes da linguagem utilizada. Uma ilustração dessa modalidade aparece abaixo:



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5122

Quanto à introdução da linguagem escrita nos quadrinhos, a presença das onomatopéias é bastante comum para exprimir noções de velocidade, movimento, sentimentos e lutas, entre outros. As onomatopéias tentam traduzir, com letras, os sons que poderiam ser captados se fossem utilizadas linguagens audiovisuais. Estas são compreensíveis, também, através do pacto existente entre o escritor-desenhista e seus leitores. Dessa forma, compreende-se o “atchim” como um espirro, expressões do tipo “soc, tun pof” como golpes e “tum tum” como as batidas do coração. Assim, as histórias ganham vida, movimento e credibilidade, aprimorando a linguagem dos desenhos através de palavras que não podem ser encontradas nos dicionários ou nas narrativas de prosa tradicionais, mas que possuem significado preciso neste gênero, aliadas aos desenhos e completando o sentido do texto.

As onomatopéias se dispõem, graficamente, de um modo mais livre que as falas expressas em palavras propriamente ditas, podendo ou não ser delimitadas por balões. Nas “tirinhas” abaixo reproduzidas, há três casos desse uso de onomatopéias. Na primeira, ela se encontra delimitada por um balão, que indica que o som foi emitido pelo personagem Cebolinha, representando força e imprimindo ênfase ao movimento do golpe. Na segunda seqüência, encontra-se solta no quadrinho: não existe limite nesse caso, já que o barulho não é emitido por nenhum dos personagens, trata-se do ruído provocado pelo impacto da batida do coelho no personagem Cebolinha.



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5206

Já o terceiro quadro reproduzido a seguir mescla os sons com as tradicionais falas, nesse caso uma frase pronunciada pelo Senhor Cebola. No primeiro quadro, o som está livre, não sendo atribuído a nenhum dos personagens; trata-se, também, de um ruído provocado pelas batidas num tambor. No terceiro quadro, a onomatopéia se refere ao choro atribuído ao Cebolinha - mesmo que a imagem não apareça no quadro – mas é possível através da apreensão dos conteúdos gerais da cena representada. Podemos observar, também, que as palavras não obedecem a uma diagramação padronizada, nem no que tange ao tipo de letra utilizada e nem a seu tamanho.

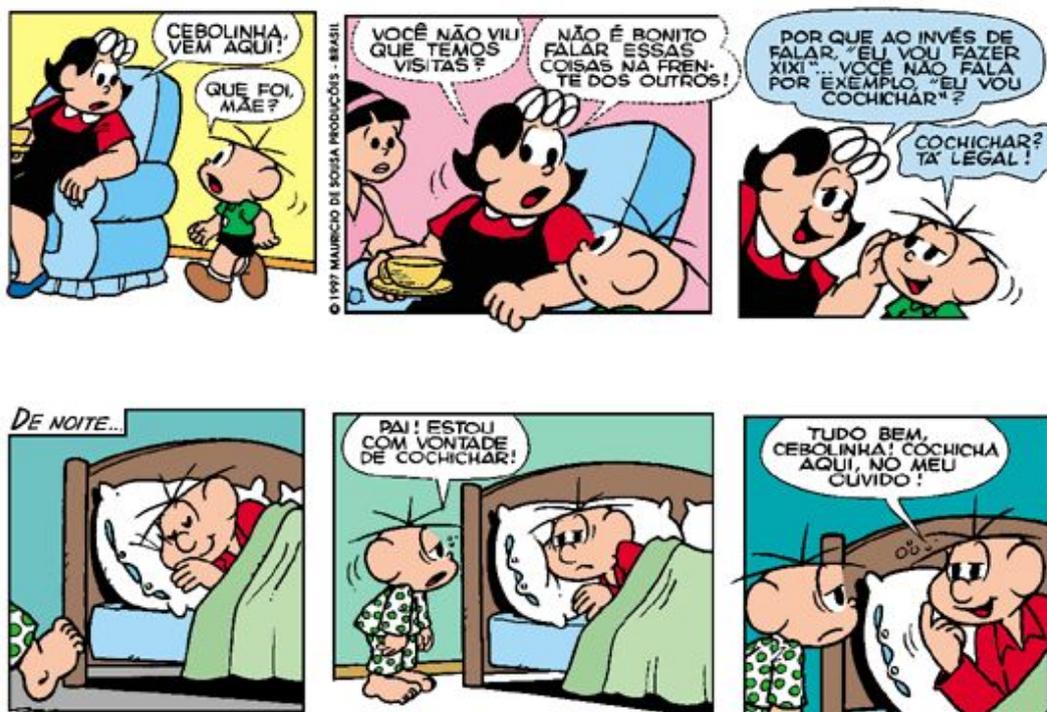


Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Por fim, cabe analisar o papel das palavras propriamente ditas. Elas podem ser descritivas, quando dão alguma explicação para a cena. Nesses casos, são adicionadas fora dos quadros, porque não se trata de falas dos personagens, ao contrário, são

atribuídas a um narrador que não costuma aparecer imageticamente no texto. O outro tipo de linguagem escrita – a mais comum utilizada neste gênero – são os textos diagramados dentro de balões, que apontam o autor ou os autores da fala e apresentam, além da palavra, alguns outros sinais para facilitar a sua compreensão. As palavras podem ser apresentadas em negrito, por exemplo, para dar ênfase ao grito, ou ainda em balões mais trêmulos, com o objetivo de representar o medo. Outro artifício é a diferenciação gráfica dos balões: para indicar falas ou cochichos, por exemplo. Essas estratégias auxiliam também na compreensão da história contada, indicando intensidade da fala, graças a elas o leitor consegue decodificar a mensagem com maior precisão.

Nos quadros copiados abaixo verificamos três dessas situações. Primeiro, os balões pontilhados que indicam que a conversa se dá em um tom mais baixo do que o normal. Já o escrito “de noite”, no segundo exemplo, não é atribuído a nenhum personagem, mas ao narrador. E o negrito, no grito de Cascão, indica uma fala em tom mais acentuado; além das interrogações atribuídas a Mônica e Magali, que sugerem indicam duvida ou incredulidade.





A partir da análise dos exemplos aludidos até agora, podemos verificar como a imagem e a linguagem escrita se fundem para construir um gênero literário específico, as HQs. Constatamos que nenhum desses elementos dissociados tem sentido por si só nem permitem compreender a história narrada.

3.3 O público das histórias em quadrinho

Até algum tempo atrás, as HQs costumavam ser consideradas, erroneamente, como uma produção cultural exclusivamente destinada ao público infantil; e, preconceituosamente, ainda há quem acredite que seriam prejudiciais para o desenvolvimento das crianças. Segundo o jornalista Maurício Muniz, por exemplo, em seu artigo intitulado “As histórias em quadrinhos e o preconceito”, os leitores das revistas em quadrinhos costumavam ser perseguidos nas escolas e nas próprias casas por professores e pais que não acreditavam que os gibis pudessem gerar conhecimento positivo para seus alunos e filhos. Alguns desses críticos afirmam, até hoje, que a linguagem dos quadrinhos é muito simples, coloquial e banalizada, incentivando o mal-habito de desprezar a leitura. Um crítico mais ferrenho, Frederic Wertham, autor da obra *Seduction of the innocent*, chegou a afirmar que essa arte seria a responsável pela “juventude transviada” das décadas de 1950 e 1960.

Anos de trabalho com crianças mal-ajustadas tem me convencido de que as simulações dos *Comics Books* contribuem marcadamente para a delinquência. A maioria das pessoas, incluindo psicólogos infantis, sabe pouco ou nada sobre essas publicações, elas assumem que são historinhas sobre animais do

tipo que a *Disney* faz ou reimpressões das tirinhas que são publicadas em jornais tais “como ‘Bringing Up Father’³. (Tradução livre.)

Existem, no entanto, cada vez mais pesquisadores que defendem a chamada “nona arte”, e é esse tipo de pensamento que norteia este trabalho. Os quadrinhos não são prejudiciais para as crianças e tampouco são exclusivos para elas. Ao contrário do que pensam aqueles que condenam a leitura dos gibis por considerá-los banais, sua linguagem pouco linear não é necessariamente óbvia, e pode estimular a imaginação e o desenvolvimento cerebral dos leitores. Segundo o pesquisador Gazy Andraus, inclusive, a hibridação da linguagem escrita com a imagética dos quadrinhos estimula diferentes áreas do cérebro “Sabe-se, pois, por meio das elucidaciones científicas atuais, graças ao emprego das tomografias computadorizadas, a leitura da imagem escrita fonética é uma função predominantemente do hemisfério cerebral esquerdo, enquanto que a imagem é do direito” (ANDRAUS, 2006, p. 28) e incentiva seu desenvolvimento cognitivo.

É possível que, nas recentes descobertas da neurociência, em que o cérebro é formatado não só pelo gene, mas também pelo meio social, esteja implícita a questão da estratificação de um paradigma cujo processamento mental tenha se estancado no hemisfério esquerdo cerebral, a ponto de, conduzido pela porção central (...) o ser humano tenha diminuído algumas funções do hemisfério direito, perdendo a capacidade de se compadecer. (ANDRAUS, 2006, p. 29)

Além disso, ao contrário do que pensam aqueles que afirmam que os gibis incentivam as crianças a não ler, o hábito de consumir gibis pode auxiliar o desenvolvimento oposto: a leitura de todo tipo de texto. Por fim, podemos ainda destacar a gama de inter-textos e intertextualidades presentes em muitas das histórias em quadrinhos, que fazem referências a músicas, contos, outras HQs e mitologias, dentre outros produtos culturais, aguçando a criatividade e incentivando a busca de aprofundamento, aperfeiçoando assim os conhecimentos em diversas áreas.

³Years of working with maladjusted children have convinced me that the unwholesome simulation of such comic books contributes markedly to delinquency. Most people including many child psychologists know little or nothing about these publications. Comic books, they assume, are Disney-type animal cartoons or reprints of comic strips from newspaper – “like ‘Bringing Up Father’ you know. (Werham,1954, p.25)

Muitos dos quadrinhos que se produzem hoje em dia, assim como ocorreu em outras épocas, são direcionados para um público mais adulto. É o caso dos *dirty comics* de 1930, por exemplo, que já naqueles tempos abordavam temas polêmicos como o sexo e as drogas. E há outros como o famoso *Obelix e Asterix*, que são escritos para públicos de todas as idades, podendo ter múltiplas interpretações dependendo do público os lê. Além de sublinhar essa variedade, cabe destacar novamente que esse limite entre os produtos voltados para faixas etárias específicas se apresenta, hoje, mais tênue, como acontece com a maior parte dos produtos etários.

Trata-se de um fenômeno contemporâneo, no qual os quadrinhos não constituem uma exceção. O público infantil consome cada vez mais produtos que, em princípio seriam impróprios para sua idade; e, por outro lado, os adultos também se interessam por aqueles produtos supostamente destinados de modo exclusivo às crianças. Essas tendências acompanham as fortes transformações ocorridas nos últimos anos na sociedade ocidental, que também são objeto deste estudo, e de algum modo respondem à forma como as crianças contemporâneas se relacionam com o mundo, constituindo uma nova concepção de “infância”.

Assim como ocorreu com a literatura tradicional, portanto, os quadrinhos também tiveram que se adaptar às crianças do século XXI. Como consequência dessas mudanças, as temáticas de aventuras e lutas ganham mais densidade nas produções mais recentes, os heróis vivem dilemas humanos e aparecem diversas questões sexuais que antes não eram tratadas, tais como a homossexualidade e a virgindade. Essas adaptações serão analisadas, especificamente no próximo capítulo, a partir da comparação entre os dois gibis assinados por Mauricio de Sousa: *A Turma da Mônica* e *A Turma da Mônica Jovem*.

Nessa pesquisa de reivindicação contemporânea desse gênero, o site [guiadosquadrinhos](#) destaca algumas das aprendizagens que é possível absorver das HQs. A noção de que grandes poderes requerem grandes responsabilidades, como acontece com o *Homem Aranha*, por exemplo, e até mesmo mitologia nórdica com *Thor*, bem como a não ser preconceituoso com *X-men* ou *V de vingança*. “Com os quadrinhos em geral, aprendemos várias palavras novas e expandimos muito nosso vocabulário, além de absorver termos básicos em inglês, francês, alemão, russo, japonês e um monte de outras línguas.” (MUNIZ, 2011)

3.4 Entre as histórias maravilhosas e os gibis

Muitos quadrinhos seguem a linha das histórias fantásticas: narram aventuras maravilhosas de crianças e homens comuns, que se tornaram especiais ao vivenciarem situações adversas ou acontecimentos sobrenaturais. Além disso, é comum que apareçam criaturas mágicas nesses relatos, que interferem no desenrolar da trama. É o caso tanto do sono de *A bela Adormecida* como da viagem a Marte de *A turma da Mônica jovem*. Ambos os gêneros literários (quadrinhos e contos de fada) se adaptaram ao universo “virtual” da internet, freqüentado pelas crianças contemporâneas, podendo ser encontrados em versões on-line, além de introduzir novos recursos tecnológicos nos próprios. E, hoje em dia, adultos e crianças lêem livros como os de Rowling e Meyer, assim como os *mangás* japoneses e de *A turma da Mônica jovem*.

Outra tendência dos quadrinhos atuais é a adaptações de clássicos da literatura para a linguagem de HQs - como, por exemplo, *Don Quixote*. Tendência essa que até mesmo a literatura em prosa e impressa também segue, com o lançamento de publicações condensadas redigidas em uma linguagem mais simples para atingir o público infantil.

A diferença mais marcante entre esses dois tipos de produtos culturais, porém, é mesmo a linguagem. Os gibis costumam recorrer a um tom bastante coloquial, com a construção de frases simples e diretas, condensando ao máximo a palavra e destacando o papel primordial das imagens. Já as histórias maravilhosas ou mesmo as clássicas, que ganharam o gosto infanto-juvenil na contemporaneidade, são construídas através de frases menos elaboradas que suas versões originais, mas ainda assim exploram menos que os quadrinhos a linguagem coloquial. E, nesses casos, as ilustrações são meros elementos adicionais, que podem até mesmo mudar drasticamente ao sabor das edições: a própria protagonista de *A bela Adormecida* é retratada em alguns livros sendo loira e em outras versões tem cabelos mais escuros.

Por fim, vale ressaltar a dificuldade que os adultos encontram na hora de ler para as crianças as histórias em quadrinhos: embora seja possível, é bastante improvável que isso aconteça. Isso ocorre devido a impossibilidade de descrever com exatidão as imagens dos gibis, um fator que dificulta sua transmissão oral. Já as histórias clássicas

narradas em prosa impressa são, muitas vezes, contadas pelos pais e professores às crianças desde a mais tenra idade, antes mesmo que elas aprendam a falar.

Capítulo IV

A turma da Mônica: das HQs aos mángas

4.1 A turma da Mônica e A turma da Mônica jovem

A turma da Mônica é uma revista em quadrinhos criada em 1959, pelo cartunista brasileiro Maurício de Sousa, inspirado por suas filhas. As histórias giram em torno das aventuras vividas por Mônica e seus amigos, no bairro do Limoeiro. Com o passar dos anos, os personagens foram aumentando e, inclusive, alguns novos foram criados com o objetivo de discutir a inclusão social de crianças com necessidades especiais. Os personagens centrais de *A turma da Mônica* têm sete anos de idade e nunca crescem, como também não crescem em *A turma da Mônica jovem*: eles tem quinze anos e assim permanecem ao longo da trama. Além disso, as histórias tradicionais não são sequenciais, permanecendo independentes entre si. Atualmente são publicadas, também, em inglês e espanhol, além da versão original em língua portuguesa.

Em agosto de 2008, *A turma da Mônica* ganhou uma roupagem totalmente nova: as antigas revistas continuam sendo produzidas, mas uma nova série passou a circular nas bancas brasileiras. Essa proposta traz os personagens da turma em outra fase da vida, a adolescência, e seu estilo acompanha uma tendência que ganhou destaque no gosto das crianças, pré-adolescentes e jovens contemporâneos ao longo da última década: os *mangás*. Essas novas revistas são produzidas, também, por Maurício de

Sousa, e não possuem todos os traços dos *mangás*, mas a impressão é realizada em preto e branco, além disso, as expressões dos personagens, o estilo dos desenhos e os códigos que exprimem sentimentos ou pensamento se aproximarem daqueles observados nas revistas japonesas.

Os temas discutidos no novo formato também mudaram. A personagem central da turma, Mônica, é apaixonada por seu amigo de infância, o Cebola, que na versão original era chamado no diminutivo Cebolinha. Agora ela usa roupas provocantes no lugar do usual vestidinho vermelho de estilo infantil, e deixa Sansão – seu outrora inseparável coelhinho azul – em casa quando sai. Cebola, por sua vez, após algumas sessões de fonoaudióloga, aprendeu a falar a letra “r”, enquanto a comilona Magali controla seu apetite após ter passado por um programa de reeducação alimentar. O personagem Chico Bento, porém, não passou por essas transformações e, portanto, não aparece em nenhuma das HQs em sua versão “jovem”. Segundo o próprio autor, esse fato continua sendo um dilema para ele, pois o público cobra a inserção do personagem “caipira” nas histórias enquanto o cartunista afirma não saber como fazê-lo. Essas mudanças aproximaram *A turma da Mônica* à realidade das crianças brasileiras contemporâneas e atingiu vendas superiores às esperadas logo nas primeiras tiragens.

De todo modo, as mudanças aproximam *A turma da Mônica* da realidade das crianças brasileiras contemporâneas, e a revista atingiu vendas superiores às esperadas logo nas primeiras tiragens. A adequação do vocabulário tornou os personagens mais atuais. No entanto, alguns temas, tais como o uso de drogas e a homossexualidade que são discutidos – mesmo que não abertamente – nos quadrinhos japoneses, continuam sendo tabu nas as histórias de Maurício de Sousa. Nem todas as características dos *mangás* foram adotadas, portanto. Além disso, a ordem da leitura continua sendo a ocidental conforme avisa o recado estampado na contra-capas:

Calma Mônica!!! Ninguém vai ler do lado errado! Embora o mangá seja lido no sentido oriental, resolvemos deixar a história com sentido ocidental... Afinal, apesar do estilo mangá, ainda é estilo Turma da Mônica e ninguém quer ver a baixinha nervosa, não é? Ou melhor... a Mônica nervosa.

No entanto, cabe esclarecer que, em *A turma da Mônica Jovem*, o humor da protagonista é mais controlado que nas versões tradicionais. Por isso, para se tornar

mais condizente com essa realidade, a mensagem para os leitores se transformou a partir da vigésimo-quinta edição da nova revista, passando a ser emitida pela voz da própria Mônica:

Sem essa de ler do lado errado, hein galera? Tudo bem que o mangá japonês é lido no sentido oriental (da direita para esquerda), mas eu dei um toque pro Maurício e ele deixou nossas histórias do jeito que a gente tá acostumado: no sentido de leitura ocidental. Vamos combinar que, apesar de ser estilo mangá, ainda é estilo turma da Monica, NE? Aproveitem!!!

Podemos perceber que, no segundo texto, desaparece a possível raiva de Mônica. As gírias “galera”, “dei um toque”, “vamos combinar”, são introduzidas na fala da personagem principal para torná-la mais jovial e produzir certa identificação com o público.

No início das quatro primeiras edições, por outro lado, foram adicionadas explicações para as principais mudanças nas características dos personagens, tais como a descrição de Cascão, personagem famoso nas revistas tradicionais por não tomar banho:

Cascão é “o cara”. É um garoto muito descolado, que adora praticar esportes... Quanto mais radical melhor. Skate é um dos seus preferidos, junto com a moda street que ele adotou. Banho? Sim, os tempos são outros, ele toma, apesar de continuar não gostando muito. E que hoje em dia a opinião das garotas parece surtir mais efeito na cabeça dele, mas o seu lado banguinceiro ainda fala mais alto, para desespero de sua mãe.

A descrição de Cascão se parece bastante com um adolescente típico dos dias de hoje, englobando os assuntos que parecem ser essenciais para qualificar o perfil de alguém sob a ótica dos jovens: a escolha da roupa e dos esportes preferidos, o interesse pelas meninas e o efeito que este surte na composição de sua personalidade, bem como as dificuldades comuns do relacionamento entre mãe e filho. Além de aproximar os personagens de seu novo público, essas interferências servem como um informativo para os leitores, explicando as mudanças nas personalidades e como elas foram motivadas. Isso tudo, além de deixá-los mais verossímeis, e menos caricatos, pois afinal

não existe um menino que nunca toma banho ou uma menina com o apetite estereotipado de Magali nos gibis tradicionais.

A duração dos enredos também mudou: enquanto em *A turma da Mônica*, em uma só revista existem várias histórias, nos *mangás* a mesma narrativa é contada em toda a revista e, muitas vezes, os mesmos relatos ocupam até mais de uma edição. Além disso as capas dos *mangás* são tituladas para que o leitor saiba, ainda que superficialmente, qual é o tema abordado. Essa característica foi transferida para os gibis tradicionais: muitos deles já recebem nomes que fazem referência à primeira história presente em cada revista – que, geralmente, é a maior de cada edição.

As propagandas, cartas e jogos, que podiam ser encontrados no meio das revistas tradicionais, também desapareceram, e agora só algumas publicidades da própria revista e de seus produtos agregados se concentram no fim do gibi. No final de cada edição, por outro lado, foi adicionado um pequeno resumo do tema que será abordado no mês subsequente.

Além do mais, foram lançados no mercado diversos bonecos, mochilas e outros produtos relacionados com a turma “jovem” além de livros com títulos como *O que todo menino quer saber*. No final de cada edição, ainda, é publicada uma carta do criador Maurício de Sousa, que aborda temas tais como o número de revistas publicadas e vendidas na primeira edição, que teria sido quatro vezes maior que o esperado, passando de duzentas mil cópias. Nas palavras do autor, porém, esse sucesso era esperado porque o novo produto “engloba três gerações de leitores: os adultos que leram na infância, os jovens que também leram e querem saber como é que a turminha está se comportando com a mesma idade deles e a criançada que assistirá ao futuro de seus personagens”.

Na edição seguinte, Maurício de Sousa afirmou que a nova proposta foi criada para impedir a evasão de seus leitores para os *mangás* japoneses, já que, para muitos deles, *A turma da Mônica* se tornou “coisa de criança”. Na sexta edição, ele contou que estava dosando os pedidos de seus leitores, mesclando aventura com romances. Na nona edição, ele narrou o sucesso que ambas as versões de *A turma da Mônica* tiveram em uma apresentação na Feira do Livro de Bolonha, e comemora o bom momento das vendas dos quadrinhos, que segundo ele respondiam a 86% do mercado brasileiro.

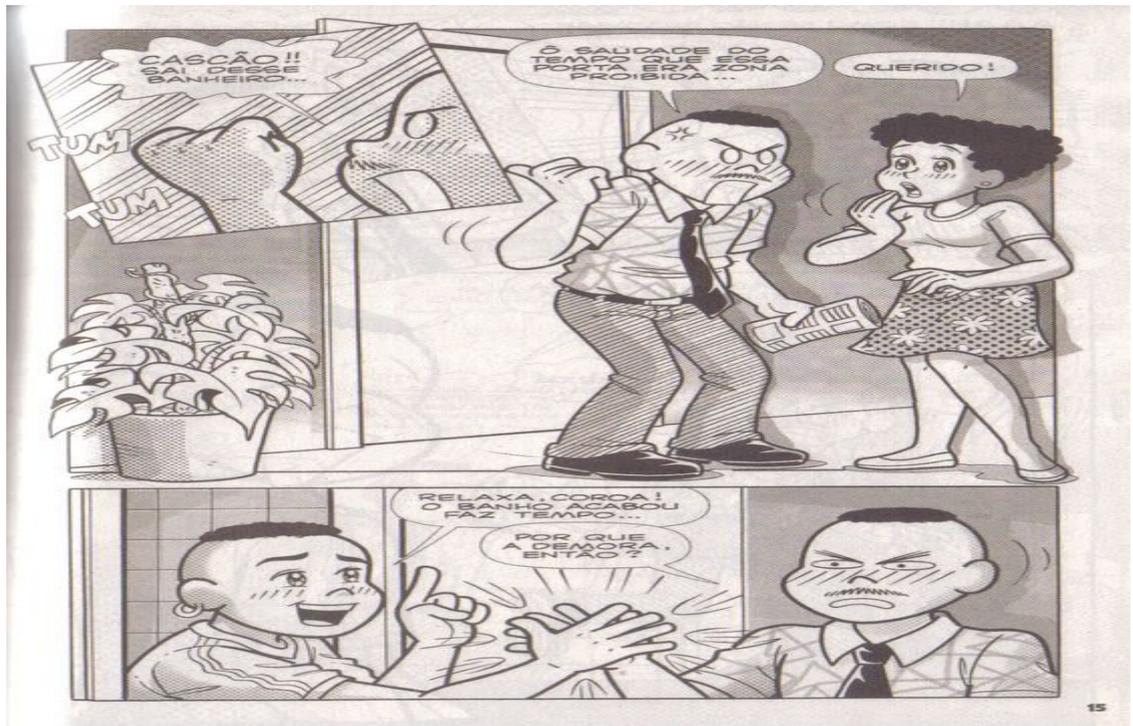
Na décimo-terceira edição, o autor se referiu à tecnologia: “A internet se tornou uma ferramenta indispensável do progresso, da modernidade e como todas as novas conquistas invasivas, vem com o bem e com o mal no seu bojo. Cumpre-nos perceber a parte boa, positiva e usá-la.”

Já na edição seguinte, o autor comentou as atitudes dos leitores contemporâneos: “o leitor hoje não apenas espera, ele interage” constatou. “Pelo MSN, pelo Twitter, Orkut, Facebook, e-mails” acrescentou. Na décimo-sexta edição, o autor Maurício de Sousa atribuiu seu sucesso ao diálogo aberto que ele mantém com seus leitores, e na seguinte afirma que em palestras que ele faz pelo Brasil um quarto dos ouvintes costumam confessar terem aprendido a ler com as revistas de *A turma da Mônica*, tornando-se assim “alunos informais” do cartunista. Na vigésimo-segunda edição, ele voltou a mencionar sua preocupação de “falar a mesma linguagem do jovem”, mostrando-se ávido por descobrir novas tendências. Enquanto no vigésimo-quinto número da revista, dois anos depois do seu lançamento, trouxe outro dado importante: 50% dos leitores de *A turma da Mônica jovem* seria formado por crianças e jovens com idade entre dez e dezesseis anos. Além dessas informações, que são relevantes para esta pesquisa, nessas cartas finais – que o autor denomina crônicas – o cartunista deixa alguns outros recados e conselhos para seus leitores tais como: cuide da natureza, seja agradável com os amigos, o amor deve prevalecer etc.

A partir dessas cartas, podemos confirmar certas tendências do mercado atual que já foram assinaladas neste trabalho: elas comprovam, com dados numéricos, a importância da renovação no estilo das HQs para agradar o público contemporâneo, além de descreverem a variedade que compõe este público consumidor da revista. Em tese, o produto não é mais voltado exclusivamente para as crianças, uma vez que elas já não se satisfazem com os produtos restritos ao universo infantil e se interessam mais por assuntos globais aos que têm acesso pelos meios de comunicação, sobretudo as novas mídias. Resta indagar, agora, a abordagem das questões sexuais nas duas diferentes revistas.

4.2 A sexualidade em *A turma da Mônica jovem*

A exploração de temas ligados à sexualidade é um assunto bastante presente nas revistas de *A turma da Mônica jovem*, algo que se pode observar nas transformações das roupas usadas pelos personagens, no vocabulário, nas conversas e até mesmo nas suas representações gráficas.



Logo na primeira revistinha, a número zero formulada somente para ser publicada na internet, deparamo-nos com a cena ilustrada acima. Nela, o personagem Cascão, que afirma não gostar muito ainda de tomar banho, aparece saindo do banheiro depois de permanecer muito tempo nele, como evidencia a fala de seus pais. Ao afirmar que “o banho acabou faz tempo”, e retomando certo lugar-comum referido aos adolescentes, ele sugere uma possível masturbação que, no entanto, acaba não sendo confirmada na história. Esse é o exemplo mais evidente de alusão à sexualidade dos personagens, que está presente nos quadrinhos de *A turma da Mônica jovem*, mas com certeza não é o único.



“Surge uma estrela” parte I. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, jan.2010, p.12 e 13.



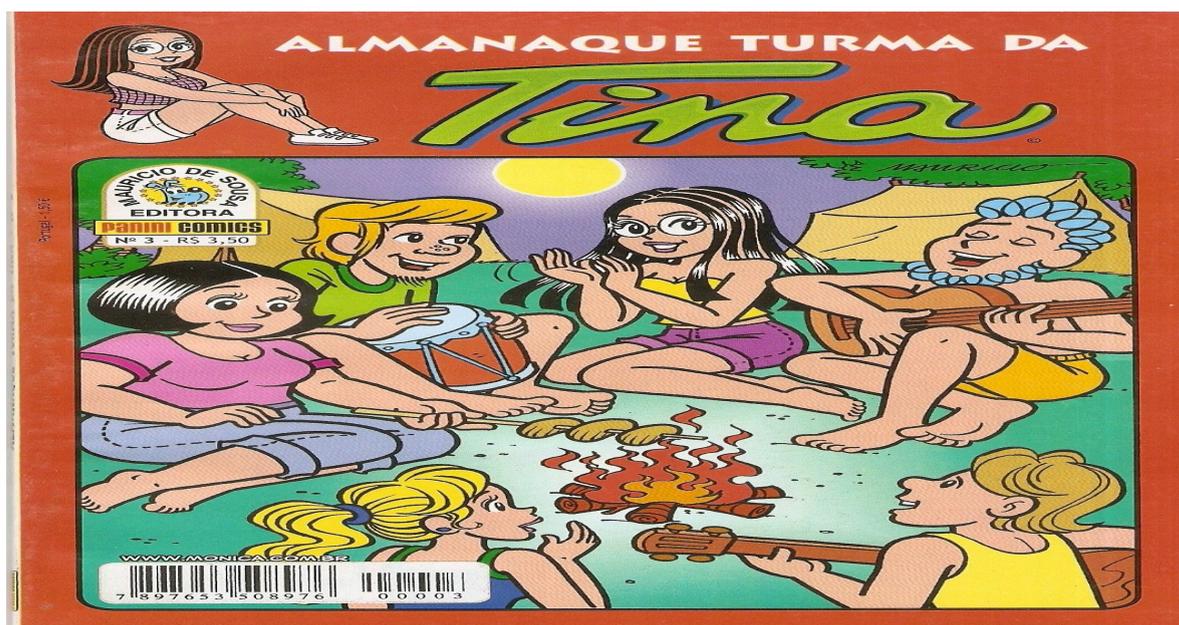
“Almanaque da Magali” 19. *A turma da Mônica*, São Paulo, fev.2010, p.12.

Nas ilustrações acima reproduzidas, por exemplo, podemos verificar as diferenças na forma de se vestir das duas amigas, Mônica e Magali, na versão tradicional da revista e na sua renovação. O primeiro exemplo mostra as duas jovens prontas para ir a um show, enquanto o segundo as apresenta quando elas ainda eram crianças. A discussão acerca do tamanho da saia da personagem Mônica não faz tanto sentido quando comparamos exclusivamente as duas gravuras: em ambas, ele é praticamente idêntico. No entanto, ao observar as falas dos pais, sobretudo da mãe, podemos perceber qual é o problema que implícito na questão: “agora ela é uma mocinha que precisa, quer e merece ser vista.”.

Nesse sentido, o clássico vestido vermelho e curto da Mônica infantil, que em algumas ilustrações chega a deixar um pedaço da calcinha aparecendo, não é “malicioso”. Além de ser sempre o mesmo, ele não pretende demarcar o corpo da personagem e, portanto,

não tem como objetivo a incitação do desejo. Já nos quadrinhos de *A turma da Mônica jovem* as roupas evidenciam o corpo das personagens, destacando a importância de seus atributos físicos para a interação no meio social em que estão inseridas. Para ser vista e reconhecida, conforme explica a mãe, Mônica precisa mostrar que cresceu, que seu corpo é feminino e atraente.

A maior parte do figurino usado pelos jovens da turma é como o aqui apresentado: curto, justo e provocante. Diferente, inclusive, dos usados por Tina, personagem jovem das HQs originais: mesmo com topes e mini-saias, ela não era representada de forma tão sensual como podemos observar na capa de seu almanaque publicado abaixo, com data de 2008. Enquanto em seus gibis, sobretudo nas capas, a Mônica jovem costuma aparecer de braços abertos e cabeça erguida, deixando todo o corpo à mostra, a adolescente Tina está, mesmo na capa, sentada e recolhida. Além disso, suas pernas não são tão torneadas como as de Mônica.

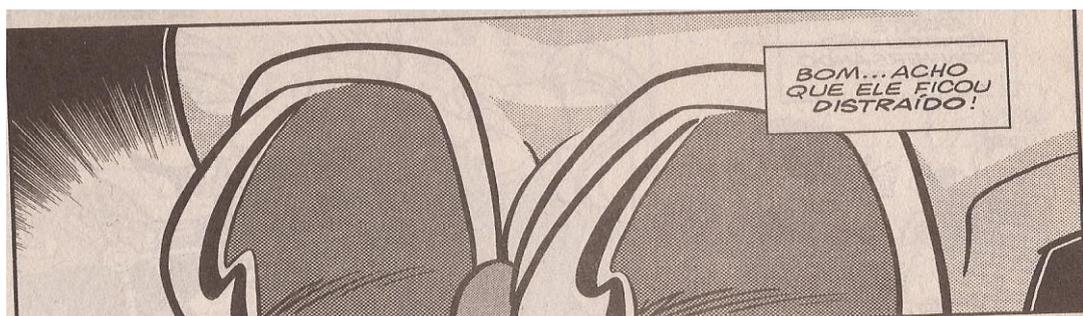


Outra peça que ganha destaque na nova versão da revista é o sutiã com enchimento, usado por muitas mulheres na atualidade para aumentar e valorizar os seios, com o intuito de torná-los mais atraentes. Esse novo hábito se constata na conversa entre as amigas Mônica e Magali no quadro aqui apresentado.



“O brilho de um pulsar” parte I. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, jan.2009, p.32.

Esse tipo de abordagem está presente também em outros quadrinhos dos gibis, que fazem um recorte exclusivo das partes do corpo das personagens consideradas mais provocativas, artifício que não está presente nas HQs tradicionais. Nas duas figuras abaixo reproduzidas, por exemplo, podemos observar como a sensualidade está latente. No primeiro caso, trata-se da representação do colo de Mônica, com a seguinte fala: “Bom... acho que ele ficou distraído!”, em alusão à atitude do Cebola quando viu a amiga vestida daquela maneira. Trata-se de uma referência clara à atração exercida pelo decote e pelos seios da jovem Mônica, pois não restam dúvidas que a distração da personagem foi causada pelo impacto da roupa provocante.



“O brilho de um pulsar” parte 3. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, fev.2009. P119.

O segundo exemplo mostra a Mônica no banho: mesmo estando sozinha no banheiro, a ilustração da toalha caída no chão e o foco nas pernas marcam um quadro incitante, assim como acontece com o destaque dos seios no quadro anterior. As pernas da personagem são bem delineadas; os dedos dos pés, ao contrário do que ocorria nas revistas tradicionais, aqui aparecem desenhados, tornando a figura mais realista.



“Monstros do ID” parte 2. *A turma da Mônica Jovem*, São Paulo, nov.2009. p.18.

As comemorações também se transformaram nos novos quadrinhos de *A turma da Mônica jovem* tornando-se mais ousadas. Enquanto nas histórias tradicionais, as festas eram motivadas por aniversários ou reuniões de gênero, freqüentadas por meninas ou meninos, e se caracterizavam por contarem brincadeiras e conversas ingênuas, nos *mangás* elas constituem um ambiente propício para o *flerte*, como se verifica nas representações abaixo apresentadas.



O melhor presente do mundo, *A turma da Mônica* 51, São Paulo, mar.2011 p.8 e 9.



“O peso de um problema” *A turma da Mônica jovem*, São Paulo abr.2011 p.35.

No primeiro caso, os amigos se encontram para festejar o aniversário da líder do grupo; e, no segundo, planejam um churrasco para um encontro, aparentemente entre amigos, mas que se revela um pretexto para uma aproximação mais sexualizada entre os meninos e as meninas.

No decorrer da revista com a história intitulada “O peso de um problema”, da qual foi tirada a segunda ilustração, discute-se ainda a relutância dos jovens em aceitar a nova colega, Isa, que está bem acima do peso considerado desejável, mas parece não se importar com isso. A personagem sofre preconceito por parte da maioria dos amigos homens, que a ridicularizam com piadas e comentários maldosos, e afirmam que não se sentem atraídos por ela apesar de considerá-la divertida, porque ela recusa a se enquadrar no padrão de beleza dos adolescentes contemporâneos. Assim, distúrbios alimentares, como a anorexia e a obesidade, temas muito tratados pela mídia atual, também estão presentes nessa história.

Vale ressaltar, porém, que nas três revistinhas que narram “O aniversário de quinze anos *da Marina*” o autor deixa claro que naquela festa não se serviam bebidas alcoólicas, diferente do que acontece nas festas de quinze anos de hoje em dia. A estratégia adotada parece ser, portanto, a de preservar o que se considera “politicamente correto” uma vez que os adolescentes de quinze anos são proibidos por lei de consumir esse tipo de bebida.

Por outro lado, as cenas de beijo costumam ser “cinematográficas”, com desenhos que mostram lentamente a aproximação dos lábios, o movimento das cabeças, os olhos se fechando, em um jogo que imprime mais sentimentos e sensações diversas, envolvendo o leitor que chega a participar de fato da cena narrada. Contrariamente ao

detalhamento desses desenhos na versão mais atual, os beijos de *A turma da Mônica* eram rápidos e distantes, não recebiam foco, e portanto eram mais engraçados do que envolventes.

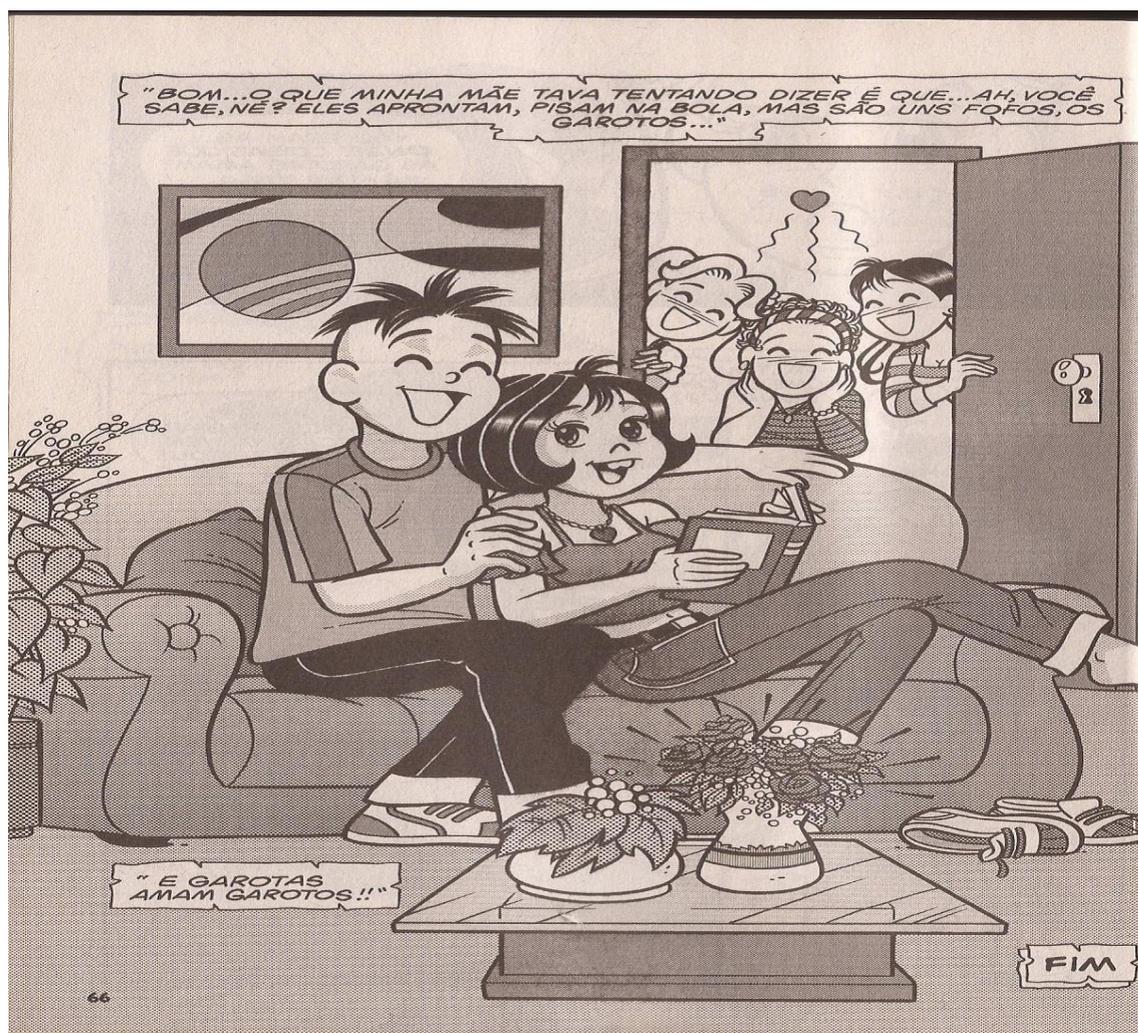


“Quer namorar comigo?”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, mai.2011 p.70 e 71.



“Almanaque da Magali” 19. *A turma da Mônica*, São Paulo, fev.2010, p.12.

A quinta revista editada na nova versão, sob o título “As aventuras do dia-a-dia”, deixa bastante clara a intenção do cartunista no sentido de aproximar as aventuras da turminha ao cotidiano das crianças e adolescentes contemporâneos. Nela, Dona Luiza, mãe da personagem Mônica, cita quais seriam as onze coisas de que toda garota gosta, repetindo vários clichês como: fazer compras, salão de beleza, conversas com as amigas e, por fim, garotos. A narrativa se encerra com um quadro de Mônica e Cebola lendo juntos, sentados no sofá, sob os olhares felizes das demais meninas.



“As aventuras do dia-a-dia”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, dez. 2008, p.66.

As brigas entre os personagens agora também são diferentes, como podemos observar nas próximas figuras. Enquanto nos gibis tradicionais, Mônica corria atrás dos meninos descabelada e nervosa, usando palavras infantilizadas como “peste” e “praga”, nos *mangás* foram introduzidas certas palavras que podem ser consideradas inapropriadas por alguns adultos, inclusive de baixo calão, como “safado” e “sem-vergonha”. Já no último exemplo, vemos a jovem Mônica envolvida em uma briga: neste caso as roupas rasgadas, o cabelo despenteado e a postura da personagem são sensuais, enquanto as falas também mostram o novo olhar da personagem sobre o mundo que a cerca. O tipo de roupa “maneira” e o jeito “descolado” de seu estilo são enfatizados, o que indica ainda que Mônica se sente superior a sua oponente por se considerar mais condizente com a moda e mais atraente, capaz de despertar a inveja da adversária e a cobiça dos meninos.



“Quer namorar comigo?”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, mai. 2011, p.17



”Já chegou o disco voador”. *A turma da Mônica*, São Paulo, abr. 2011, p.71.



“O brilho de um pulsar”, parte III. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, mar. 2009. p.60.

Os ciúmes entre os personagens é também uma temática constante na nova versão, podendo ser observada em praticamente todos os *mangás*. Embora esse assunto já existisse nas histórias tradicionais, agora se torna mais evidente, além de ocorrer em situações que envolvem o corpo e a postura das meninas e dos meninos. Nos exemplos reproduzidos a seguir, observam-se três situações bastante típicas nesse sentido.

O primeiro quadro mostra o personagem Titi reclamando da roupa da atual namorada, Carmem. Suas falas evidenciam que ele teme que outros homens olhem e

desejem sua companheira, afirmando que ela deveria se vestir de maneira provocante exclusivamente para ele, pois as pernas à mostra podem despertar a libido em outros rapazes, ameaçando assim sua relação. A postura do Titi é machista, mas também é trivial em nosso meio; na opinião dele, o corpo de “sua mulher” deve ser preservado e seus atrativos dissimulados, a fim de que ele próprio permaneça sendo o único homem a conhecer e admirar sua boa forma.



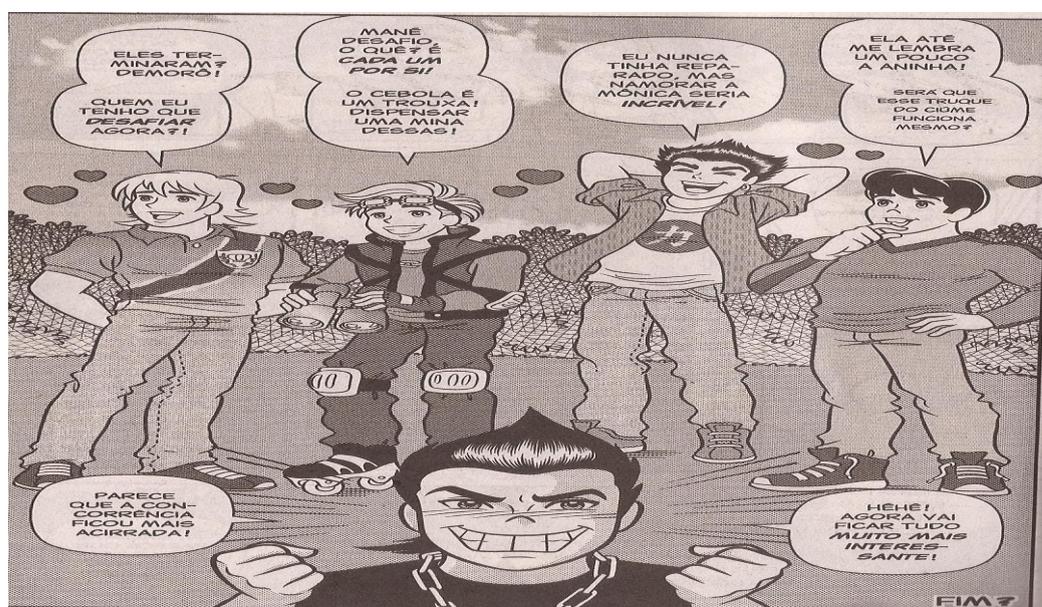
“Divisão por 2”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, fev.2011, p. 92 e 93.

Já o segundo exemplo retrata os ciúmes de Cebola em relação a Mônica, personagem com a qual tem uma relação instável. Nos primeiros volumes das histórias, eles *ficam*, e desde então se envolvem num romance que evitam assumir. No episódio aqui ilustrado, as falas são ousadas: o personagem Titi insinua que gostaria de “colocar as mãos” no corpo da amiga, por exemplo, algo que teria sido impensável para inocente a turminha quando eles tinham ainda sete anos de idade.



“Quer namorar comigo?”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, mai.201, p.35.

O terceiro desenho, por sua vez, retrata uma situação na qual Mônica e Cebola já estão envolvidos em um relacionamento mais sério: eles começaram a namorar de fato, e esse compromisso desperta nos meninos do bairro do Limoeiro um maior interesse pela personagem feminina. A fala do Do Contra, por exemplo, diz respeito ao estímulo que as pessoas comprometidas exercem sobre os demais, como uma atração e desejo suscitada por aquilo que é proibido. E, ainda, ele sugere que a “concorrência” em um relacionamento tornaria o namoro mais interessante.



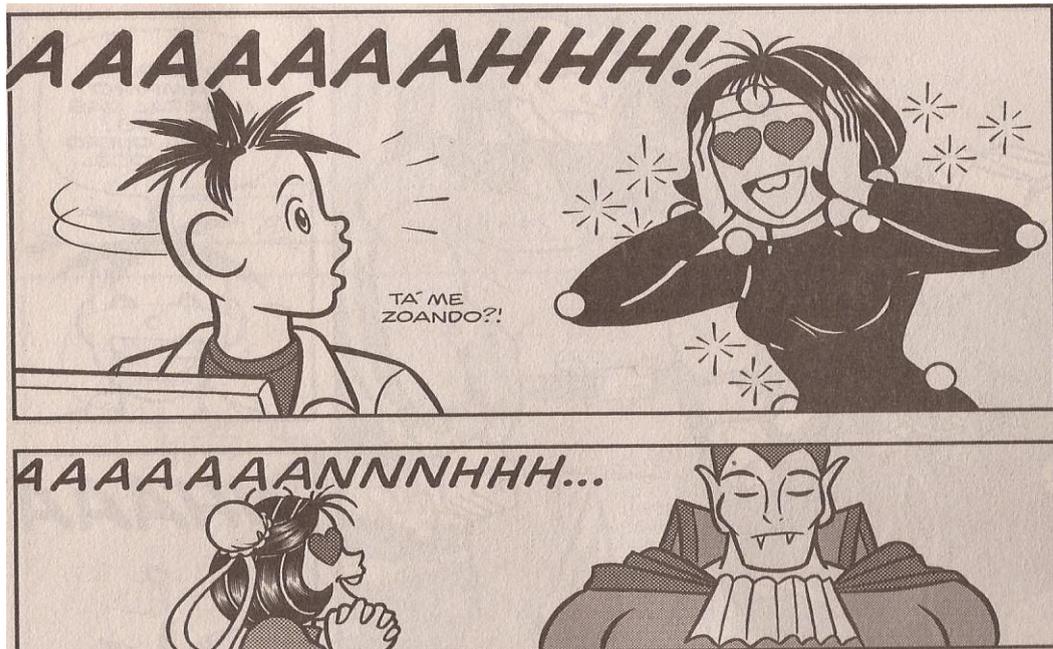
“Quer namorar comigo?”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, mai.201, p.124.

A maior parte dos namoros de infância permanece nas histórias da turma jovem - Cascão e Cascuda, Magali e Quinzinho, por exemplo. Mas a fala da personagem Carmem destaca a importância de se ter um namorado na adolescência: ela afirma sentir-se sozinha, mesmo tendo muitos amigos, por não estar acompanhada de um homem, e ainda diz que essa situação a deixa triste. Mesmo sendo considerada desde a infância a menina mais bonita da turma, ela sugere que a ausência de um companheiro a desvalorizaria em comparação às demais colegas. A personagem mostra que, para ela, assim como ocorre com muitas meninas de hoje em dia, o fato de se ter um namorado é essencial para atingir a felicidade. Esse comportamento aparece também em outras histórias, nas quais essa personagem tenta desesperadamente conquistar um dos meninos da turma, independente de quem seja.



“Divisão por 2”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, fev.2011, p. 119

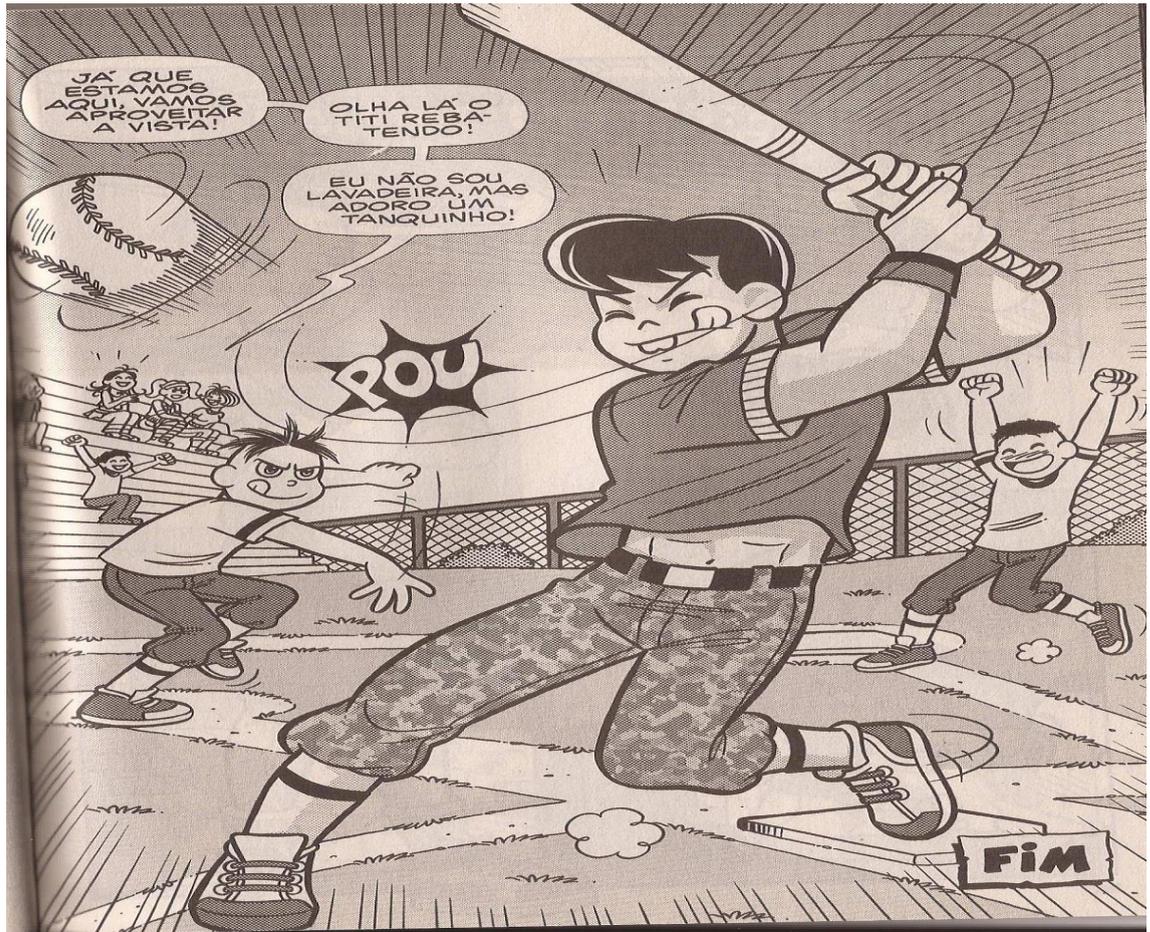
A paixão por vampiros, tema que tornou a se popularizar na contemporaneidade devido ao personagem Eduard da saga *Crepúsculo*, é também abordado pelo cartunista na nova versão dos quadrinhos, como mostra a figura abaixo.



“Conta comigo!”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, mai. 2009, p.42.

O interesse que algumas meninas desenvolvem por homens mais velhos que estão presentes em seus cotidianos, também é tematizado na nova revista. É o caso do amor platônico nutrido por Magali com relação a seu professor de ciências, ou de Cebola por Xabeu, sua babá da infância. Esses estereótipos são comuns entre as crianças que começam a sentir o despertar de sua sexualidade, portanto não surpreende que sejam apresentados no *mangá*, na tentativa de gerar uma identificação com o público infanto-juvenil contemporâneo.

Por outro lado, e embora esses assuntos sejam menos recorrentes, as novas revistas também aludem à valorização do corpo masculino, através das mesmas estratégias citadas anteriormente para as moças, e que foram exemplificadas com alguns quadrinhos. Nos *mangás* de *A turma da Mônica jovem*, são comuns os retratos dos dorsos dos rapazes no banheiro, no vestiário e na praia, destacando a atração que essas visões podem exercer nas meninas.



“As aventuras do dia-a-dia”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, dez. 2008. p.115.

Nesses casos, os músculos dos garotos são bem delineados, destacando o tipo físico “sarado”, e alguns comentários das personagens femininas revelam o desejo que elas também nutrem pelos homens. A fala da personagem Denise no exemplo acima reproduzido deixa bastante claro seu interesse pela barriga do amigo Titi.

Por outro lado, os gibis, que nos quadrinhos tradicionais eram sempre lidos pelos meninos da turma, agora foram substituídos por revistas com mulheres usando biquíni, fato que apareceu pelo menos por três vezes nos *mangás*. Se as revistinhas fossem retratar a realidade tal qual ela é nos dias de hoje, porém, cabe supor que as “garotas de biquíni” estariam, de fato, nuas. Portanto, aqui percebemos também certo moralismo por parte do cartunista e seu projeto editorial, que procuram mascarar uma realidade para que ela pareça menos agressiva à sociedade ou mais “politicamente correta”.



“O príncipe perfeito”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, abr. 2009, p.55.

Por fim, a seguinte conversa entre Dona Luiza, Mônica e Magali mostra a importância da presença da mãe na vida das adolescentes contemporâneas. Neste exemplo, a mãe de Mônica explica o motivo pelo qual essas mudanças estão ocorrendo na vida das crianças do bairro do Limoeiro. Segundo ela, os hormônios são responsáveis pelas mudanças de humor, das relações e até dos interesses dos jovens. Trata-se de sintomas de que as meninas estão crescendo e amadurecendo: elas estão em uma fase da vida em que os sentimentos ficam mais confusos e o comportamento pode ser alterado drasticamente. No entanto, ela acrescenta que toda essa confusão é normal e até mesmo necessária ou bem-vinda.



“As aventuras do dia-a-dia”, *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, dez. 2008, p.30 e 31.

Com base na leitura dos dois tipos de gibis aqui estudados, confirmada pelos exemplos citados, pode-se verificar que na nova revista foram incorporadas algumas mudanças muito significativas no comportamento dos integrantes de *A turma da Mônica*. Muito embora caiba esclarecer que algumas polêmicas, prometidas pelo autor Maurício de Sousa na época do lançamento da nova versão, tais como o uso de drogas e a introdução de personagens homossexuais, ainda não foram exploradas. Mas, de todo modo, constata-se que tanto as histórias como as imagens e as falas se tornaram mais ousadas e mais próximas da realidade atual das crianças.

Portanto, como uma última etapa desta pesquisa, com o intuito de testar a aceitação dessa nova tendência por parte do público alvo, foi realizada uma experiência empírica, cujos resultados se descrevem no próximo capítulo.

Capítulo V

Aula experimental:

Uma leitura, efetuada por crianças contemporâneas, dos gibis de Maurício de Sousa

Na tentativa de verificar a reação das crianças contemporâneas diante da nova versão de *A turma da Mônica*, foi realizada uma experiência empírica. No dia primeiro de junho de 2011, uma sexta-feira, foram reunidas vinte e seis crianças cuja idade média era de nove anos, com algumas variações entre os oito e os treze anos. Todos eles eram alunos do quarto e quinto ano - que correspondem às antigas terceira e quarta séries do Ensino Fundamental - da escola particular Sistema Agnus de Ensino da Igreja Batista, localizada na Rua Santarém, no Bairro Nova Cintra da cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais.

A experiência durou aproximadamente uma hora e trinta minutos. Nessa aula experimental, foram colocadas à disposição dos alunos trinta e duas revistinhas de *A turma da Mônica jovem* e trinta e cinco revistinhas tradicionais de *A turma da Mônica*. Além disso, a cada uma das crianças foi entregue um pequeno questionário, antes do início dos debates, a fim de averiguar o conhecimento prévio que elas tinham a respeito dos gibis. A lista das revistinhas utilizadas se encontra nas referências bibliográficas

deste trabalho, e os questionários e comentários em anexo. O primeiro foi composto por sete questões, abaixo reproduzidas, sendo as quatro últimas com opções de múltipla escolha do tipo “sim”, “não” e “não li”.

1. Nome
2. Idade
3. Você gosta de ler gibis? Quais?
4. Você já leu as histórias de *A turma da Mônica*?
5. E de *A turma da Mônica Jovem*?
6. Você gostou?
7. Acredita que ela “fale a sua língua”?

Cabe apontar que esta primeira etapa sofreu dois problemas que não foram previstos no início do processo. Em primeiro lugar, as crianças foram avisadas pela coordenação, através de uma autorização entregue aos pais, que a aula seria sobre *A turma da Mônica*, podendo essa informação ter influenciado a resposta dos alunos à terceira questão. Em segundo lugar, houve dificuldade na compreensão da expressão “falar a sua língua”, explicada pela pesquisadora, ao ministrar a aula. No entanto, o número das revistas vendidas, que compreende 80% do total das vendas brasileiras de gibis, sugere que, de fato, a maioria das crianças como as desse grupo já teve acesso às criações de Maurício de Sousa. Além disso, após a explicação dada a todos os alunos sobre o significado da expressão “falar a sua língua” a última questão foi corretamente entendida e respondida pelas crianças.

Uma das primeiras preocupações demonstrada pelos alunos, ao se depararem com as revistas expostas, foi se os gibis seriam vendidos e por quanto dinheiro. Eles foram comunicados, então, que se tratava de um estudo experimental, e que discutiríamos com eles as relações estabelecidas entre os personagens das histórias retratados nas revistinhas.

Todos os alunos responderam afirmativamente à quarta questão, dizendo já terem lido os gibis de *A turma da Mônica*, enquanto vinte disseram já terem lido *A turma da Mônica jovem*, ou seja somente seis não leram esta última, tendo todos gostado de ambas. Apenas uma aluna afirmou que o gibi “não fala a língua dela”.

No que tange à terceira questão, além de *A turma da Mônica* e *A turma da Mônica jovem*, foram citados também gibis escritos em outras línguas, *A liga da justiça*, *Bem 10*, *A Cuca* e super-heróis (esta última retirada na íntegra de um dos questionários).

Em seguida, foi solicitado que cada aluno escolhesse uma revista para ler e debater, e, por fim, que eles descrevessem em algumas palavras o que acharam dos personagens e das historinhas que leram.

Ao escolherem as revistinhas, a maior parte dos alunos (dezoito dos vinte e seis) preferiu ler uma das revistas que tinham o formato de *mangá*, sendo as favoritas: “Quer namorar comigo?”, “O príncipe perfeito” e “Monstros do ID”. Cabe esclarecer que algumas das revistas de *A turma da Mônica jovem* foram preteridas por se tratar de uma continuação da história iniciada na edição anterior.

Durante a leitura, a turma ficou bastante inquieta, mostrando seus gibis uns aos outros, tecendo comentários acerca deles, e me questionando sobre alguns elementos dos textos. Tudo isso tornou a experiência bastante proveitosa para a pesquisa.

Três alunos questionaram o formato em preto e branco dos novos quadrinhos, eles disseram que desconheciam os *mangás* japoneses e depois, em seus textos, dois deles afirmaram que a nova estética não lhes agradou, embora as histórias fossem engraçadas e mais modernas.

Um aluno, por exemplo, não leu o gibi durante o estudo, mas afirmou gostar muito de *A turma da Mônica jovem*, possuindo já a maior parte desses quadrinhos. Esse estudante disse ainda que prefere as histórias de ficção, aquelas que envolvem robôs e viagens a outros planetas.

Uma das alunas se mostrou desgostosa porque, em uma das revistas o personagem Cebola usa a expressão “calamba” – (caramba) – dizendo, que ele não devia falar aquilo pois era um “palavrão”.

Já outra menina de dez anos de idade, contou que achava o personagem Do Contra bonito, e disse que era a namorada dele. Tal afirmação revela certa ingenuidade, mas comprova também que as relações entre homens e mulheres já despertam nela certo interesse.

Por sua vez, a garota que leu a história intitulada “Os quinze anos da Marina” contou que gostou do que leu porque a personagem era bonita, e acrescentou que ela gostaria de fazer uma festa como aquela quando completasse seus quinze anos.

Ao final da aula, dezenove alunos disseram preferir *A turma da Mônica jovem*. Os argumentos mais comuns foram os seguintes: essa versão das HQs é mais moderna, os personagens são mais bonitos e magros, menos infantilizados, as roupas são mais legais e Mônica não bate mais nos amigos.

Já os sete alunos que preferiam os gibis tradicionais, afirmaram que os personagens jovens perderam um pouco da graça: preferem Cascão sem tomar banho e Cebolinha arquitetando os planos infalíveis para derrotar Mônica. Os mesmos argumentos apresentados oralmente foram encontrados nos textos produzidos por essas crianças.

Nos textos, vários citaram a beleza dos personagens jovens e a presença de romances entre eles como os grandes atrativos dos gibis em formato de *mangá*. Um exemplo desse tipo de depoimento é o texto de um aluno que afirmou o seguinte: “Eu gostei muito da história porque a revistinha da Mônica é muito infantil e a Mônica jovem é mais divertida e eles ficaram mais bonitos”.

Por outro lado, cabe mencionar que na aula, os alunos questionaram também meus próprios relacionamentos, perguntando por que já estando com vinte e seis anos de idade eu não era casada e não possuía filhos. Eles mostraram seus “namorados” na sala de aula revelando assim que esse assunto é muito relevante e estimulante para eles.

Ao final da aula, foi proposto que cada aluno escolhesse uma revista para levar para sua casa. Todos eles pegaram mais de um exemplar, até esgotarem os gibis disponíveis. Pude observar, no entanto, que as revistas de *A turma da Mônica jovem* foram priorizadas, sendo escolhidas antes das mais tradicionais.

Graças a essa experiência prática tão rica, pude confirmar que a sexualidade é assunto de grande interesse para as crianças contemporâneas, e não consiste precisamente em um tema tabu. Mesmo que o assunto seja tratado, por esse grupo, de forma um tanto “ingênuo”, parece constituir algo bastante “natural”, com cujo tratamento eles têm bastante familiaridade e poucos pudores.

No que tange o objeto específico desta pesquisa, foi confirmado que as revistas de *A turma da Mônica jovem* se mostraram mais atrativas para eles, tanto na a leitura como no debate, tendo sido mais comentadas em forma escrita e oralmente na sala. A nova roupagem dos personagens, considerada mais moderna e bonita, despertou o interesse da maior parte dos alunos, demonstrando certa identificação com a turma “jovem”. Isso ocorreu, inclusive, também no caso das histórias mais fantasiosas e menos realistas, tais como aquelas sobre a viagem a Marte ou sobre o time de futebol formado por robôs.

Ainda que no debate não tenham sido usadas palavras como “atraente” e “sensual”, é possível perceber a sedução que a beleza física dos personagens, bem como o visual e a moda, exercem sobre eles. As questões ligas à sexualidade ocupam um lugar privilegiado em seus interesses e preocupações, e não demonstram possuir os constrangimentos experimentados por outras gerações para se referir a esses assuntos. Tudo isso parece confirmar, portanto, que as crianças desse grupo fazem parte de uma nova “infância”, um conceito que está sendo reconfigurado na contemporaneidade.

Conclusão

O conceito de “infância”, tal qual foi concebido nos primórdios da era moderna, ainda está em mutação e segue em constante adaptação, pois se define dentro de um processo sociocultural que, inevitavelmente, se transforma na dinâmica da história. Assim, certas mudanças nos modos de produção econômica implicam transformações, também, no modo pelo qual os seres humanos se relacionam entre si, gerando deslocamentos no papel que os sujeitos desenvolvem em cada sociedade, nas formas de construir a própria subjetividade, sem excluir as crianças desse contexto em permanente mutação.

Assim, na atualidade, está sendo confrontado e revisto todo o percurso que levou, nos primórdios da era moderna, à afirmação da criança como um sujeito único e singular, que merece atenção e cuidados peculiares, com a conseqüente criação do paradigma de uma infância inocente que deveria permanecer intocada. Não é plausível, hoje, isolar as crianças do ambiente no qual elas se desenvolvem e nem, tampouco, admiti-las no

universo adulto sem qualquer cuidado especial que permita assegurar seu desenvolvimento saudável, tanto no plano físico como no mental.

Por isso, muito embora as crianças agora reconheçam e se familiarizam, desde muito novas, com certos aspectos referentes aos assuntos sexuais, é preciso ter cuidado para que, além de identificá-los, possam entender a complexidade das relações que se estabelecem através da sexualidade. Esse seria, a meu ver, o principal papel dos adultos contemporâneos no direcionamento da educação sexual. Não se trata, exclusivamente, do ensino fisiológico da biologia ou do debate em torno das crenças religiosas, mas também, de um diálogo aberto que deveria ser amadurecido a partir dos estímulos trazidos pelas próprias crianças. As recentes discussões governamentais a respeito da distribuição de material didático contra a homofobia nas escolas públicas do ensino médio, por exemplo, ilustra a importância do tema levantado por esse trabalho.

Nesse sentido, os amadurecimentos das histórias infanto-juvenis na atualidade, e especificamente de *A turma da Mônica jovem*, parecem condizentes com essa nova configuração. Ao retratar as crianças contemporâneas de um modo mais próximo a como elas próprias se enxergam, e ao questionar o mundo de uma maneira semelhante a como elas o fariam, o autor Maurício de Sousa procurou criar um canal de comunicação que resultou bastante eficaz. Mesmo sem se referir explicitamente à sexualidade, suas histórias conseguem estimular a curiosidade e confortar certos anseios desse público, através da identificação com as situações vividas pelos personagens.

Portanto, ao longo desta pesquisa, constatamos a preocupação do cartunista Maurício de Sousa em tornar suas revistas mais críticas; no entanto, cabe ressaltar também que essas intenções não foram ainda completamente satisfeitas. Enquanto no episódio intitulado “O peso de um problema”, por exemplo, o direito da adolescente Isa de não querer se enquadrar nos padrões estéticos vigentes em nossa sociedade é defendido, em algumas outras, tais como no relato que se denomina “As aventuras do dia-a-dia”, muitos dos clichês aos quais estamos acostumados são reforçados. O comportamento feminino é padronizado: as meninas gostam de fazer compras, freqüentar salões de beleza e namorar meninos. Por sua vez, na mesma história acima citada, os meninos são esportistas, ciumentos e machistas, escolhem para namorar as meninas mais magras, conforme os padrões de beleza fartamente disseminados pela mídia.

Por outro lado, o adolescente paraplégico Luca é perfeitamente inserido no cotidiano da turma, sendo um dos integrantes mais assediados pelas meninas. No entanto, as dificuldades que ele possivelmente vivenciaria no cotidiano – pois todo cadeirante enfrenta problemas para, por exemplo, pegar um ônibus ou mesmo para se locomover pelas calçadas esburacadas das cidades brasileiras – nunca são abordados.

Além disso, apesar de abrir um espaço de contato direto com os leitores no site, as cartas assinadas por Maurício de Sousa, publicadas ao final de cada gibi, deixam transparecer o claro anseio do cartunista em alavancar as estatísticas de venda das suas revistinhas. Embora afirme, quase sempre, estar preocupado com a opinião das crianças e adolescentes que constituem seu público-alvo, essa preocupação parece se dever mais aos números mercadológicos – como é o caso da concorrência com os *mangás*, por exemplo – do que em desenvolver, de fato, a possibilidade de promover um pensamento crítico no campo infanto-juvenil.

Não se sabe, ao certo, se as revistinhas da coleção *A turma da Mônica jovem* se tornarão mais críticas nas próximas edições. Para tanto, é preciso esperar as futuras publicações. De todo modo, verificamos que as questões levantadas até agora nas páginas do novo gibi são pertinentes para conquistar o interesse de seu público e, quando encontram um ambiente propício, podem promover debates proveitosos entre adultos e crianças. *A turma da Mônica jovem* seria, por isso tudo, um bom exemplo de como é possível adaptar ao universo dos *tweens* – aquelas crianças contemporâneas, que são críticas e bem informadas, embora também inseguras e vulneráveis – o ambiente do “faz-de-conta” que é característico da literatura fantástica, debatendo temas interessantes de maneira descontraída e não vulgarizada, permitindo inclusive o desenvolvimento de diversas leituras segundo o amadurecimento cada leitor.

Referências bibliográficas

ALVES, Bruno. *Superpoderes, malandros e heróis: o discurso da identidade nacional nos quadrinhos brasileiros de super-heróis*. 2003. 123 f. Dissertação de mestrado em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

ANDRAUS, G. *As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário*. 2006. 321f. Tese de doutorado em Ciência da Comunicação – Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança*. 2ed. São Paulo: LTC, 2006

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2008

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. 24 ed. São Paulo: Paz e terra, 2010

BRANDÃO, Antonio C.; DUARTE, Milton F. *Movimentos culturais de juventude*. 1ed. São Paulo: Moderna, 2009.

CANI, Isabelle. *Harry Potter ou o anti-Peter Pan: Para acabar com a magia da infância*. 1 ed. São Paulo: Madras, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 3ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1973.

CHALITA, Gabriel. *Pedagogia do amor: A contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações*. 2 ed. São Paulo: Gente, 2003.

COELHO, Nelly N. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*. 3 ed. São Paulo: Quíron, 1985.

FRANCO, Hilário. *A Idade Média, nascimento do Ocidente*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

- FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir*. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FREITAS, Maria T. *Literatura e história*. 1 ed. São Paulo: Atual, 1986.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. 1 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- GULLAR, Ferreira. *Indagações de hoje*. 1 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- LIMA, Lauro O. *Mutações em educação segundo Mc Luhan*. 7ed. Rio de Janeiro: Cosmovisão, 1975.
- NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato: O editor do Brasil*. 1 ed. Rio de Janeiro: contraponto, 2003.
- OLSEN, Stein. H. *A estrutura do entendimento literário*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2008
- REISMAN, David. *A multidão solitária*. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- SIANI, Marcus. *Alegorias da diferença: valores, estigma e segregação social nos quadrinhos X-men*. 2003. 154f. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SOUZA, Edmacy. “Por uma compreensão histórico-filosófica da infância”. IN: *Por dentro da educação infantil: a criança em foco*. 1 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010
- SOUZA, Lutienne. “Monteiro Lobato: o homem”. *Revista Literatura*. São Paulo: Escala, p.53-60, n.30, mai.2011
- VILANOVA, Cassia. “O acervo literário disponibilizado às escolas públicas de educação infantil: um olhar sobre a identidade étnico-racial” IN: *Por dentro da educação infantil: a criança em foco*. 1ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

WERTHAM, Frederic. *Seduction of the innocent*. 1 ed. New York: Rinehart and Company, 1954.

NUNES, Glória. “*Das bruxas de Macbeth ao vampiro de Crepúsculo: um breve passeio pelas representações de vampiros e feiticeiras nas literaturas de língua inglesa*”. Simpósio Vampiros e feiticeiras, suas múltiplas representações literária, Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011. p. 51.

MANUAL de classificação indicativa. Brasília, 2006. Disponível em www.fndc.org.br

ESTATUTO da criança e do adolescente. Brasília, 1990. Disponível em www.planalto.gov.br

SOUSA, Maurício. São Paulo, disponível em www.monica.com.br

SOUSA, Maurício. São Paulo, disponível em www.turmadamonica jovem.com.br

FERMIANO, Maria A. “*Tweens refêns do consumo*”, Revista *Pontocom*, 2010. Disponível em www.revistapontocom.org.br

NEJM, Rodrigo. “*As tentações e os perigos do ciberespaço*”, 2010. Disponível em www.diganaoerotizacaoinfantil.wordpress.com

MUNIZ, M. “*As histórias em quadrinhos e o preconceito*”, 2011. Disponível em www.guiadosquadrinhos.com/blogpost

ECO, Umberto. “*A diferença entre livro e filme*”, Revista e livro, 2008. Disponível em www.revistaelivro.com.br

Revistas analisadas

SOUSA, Maurício. “A aventura continua”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, set.2008.

SOUSA, Maurício. “Novos desafios”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, out.2008

SOUSA, Maurício. “As aventuras do dia-a-dia”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, dez.2008.

SOUSA, Maurício. “O brilho de um pulsar parte 1”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo, jan.2009

SOUSA, Maurício. “O brilho de um pulsar parte 2”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, fev.2009.

SOUSA, Maurício. “O brilho de um pulsar parte 3”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, mar.2009

SOUSA, Maurício. “O príncipe perfeito”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, abr.2009

SOUSA, Maurício. “Conta comigo!”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, mai.2009

SOUSA, Maurício. “Ser ou não ser parte 1”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, jun.2009

SOUSA, Maurício. “Ser ou não ser parte final”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, jul.2009

SOUSA, Maurício. “O dono do mundo!”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, ago.2009

SOUSA, Maurício. “O dono do mundo parte final”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, set.2009

SOUSA, Maurício. “Monstros do ID parte 1”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, out.2009

SOUSA, Maurício. “Monstros do ID parte 2”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, nov. 2009

SOUSA, Maurício. “Monstros do ID parte final”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, dez.2010

SOUSA, Maurício. “Surge uma estrala parte 1”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, jan.2010

SOUSA, Maurício. “Surge uma estrala parte 2”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, fev.2010

SOUSA, Maurício. “Um dia de agito”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, mar. 2010

SOUSA, Maurício. “No país das maravilhas parte 1”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, abr.2010

SOUSA, Maurício. “No país das maravilhas parte 2”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, mai.2010

SOUSA, Maurício. “O caderno do riso parte 1”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, jun.2010

SOUSA, Maurício. “O caderno do riso parte 2”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, jul.2010

SOUSA, Maurício. “Desafio sobre patins”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, ago.2010

SOUSA, Maurício. “O aniversário de 15 anos da Marina parte 1”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, set.2010

SOUSA, Maurício. “O aniversário de 15 anos da Marina parte 2”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, out.2010

SOUSA, Maurício. “O aniversário de 15 anos da Marina parte 3”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, nov.2010

SOUSA, Maurício. “O mundo do contra parte 1”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, dez.2011

SOUSA, Maurício. “O mundo do contra parte 2”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, jan.2011

SOUSA, Maurício. “Divisão por dois”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, fev.2011

SOUSA, Maurício. “Cuidado com o que deseja”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, mar.2011

SOUSA, Maurício. “O peso de um problema”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, abr.2011

SOUSA, Maurício. “Quer namorar comigo?”. *A turma da Mônica jovem*, São Paulo: Panini, mai.2011

SOUSA, Maurício. Mônica 4. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, mar.2008

SOUSA, Maurício. Mônica 15. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, jan.2010

SOUSA, Maurício. Mônica 8. “Lendas da jumenta voadora”, *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, ago.2007

SOUSA, Maurício. Mônica 50. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, fev.2011

SOUSA, Maurício. Mônica 52. “Já chegou o disco voador”. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, abr.2011

SOUSA, Maurício. Mônica 53. “O unicórnio lilás”, *A turma da Mônica*. São Paulo: Panini, mai.2011

SOUSA, Maurício. Mônica 25. “Eu sei o que vocês fizeram na tarde passada”. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, jan. 2009

SOUSA, Maurício. Mônica 51. “O melhor presente do mundo!”. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, mar.2011

SOUSA, Maurício. Mônica 50. “Com a proteção de Luca”. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, fev.2011

SOUSA, Maurício. Almanaque da Mônica 14. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, mar.2009

SOUSA, Maurício. *Cascão 4*. “Focinho de porco não é tomada”. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, mar.2008

SOUSA, Maurício. *Cascão 52*. “Este mundo é real?”. *A turma da Mônica*, São Paulo: panini, abr.2011

SOUSA, Maurício. Almanaque do Cascão 3. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, mai.2007

SOUSA, Maurício. Almanaque do Cascão 14. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, mar.2009

SOUSA, Maurício. *Cebolinha 4*. “O mundo vai explodir e outras histórias”. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, mar.2008

SOUSA, Maurício. Cebolinha 9. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, set.2009

SOUSA, Maurício. Cebolinha 53. “As três letrinhas”. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, mai.2011

SOUSA, Maurício. Cebolinha 51. “Primeiro de Abril”. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, mar.2011

SOUSA, Maurício. Cebolinha 52. “De olho no biguibróder 1”. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, abr.2011

SOUSA, Maurício. Cebolinha 15. “O acerto de contas”. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, jan.2010

SOUSA, Maurício. Chico Bento 53. “Na penumbra”. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, mai.2011

SOUSA, Maurício. Chico Bento 51. “Muito impressionado”. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, mar.2011

SOUSA, Maurício. Chico Bento 53. “Chico ou Chica?”. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, fev.2011

SOUSA, Maurício. Chico Bento 4. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, mar.2008

SOUSA, Maurício. Magali 4. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, mar.2008

SOUSA, Maurício. Magali 53. “Bruxarias no aniversário”. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, mai.2011

SOUSA, Maurício. Magali 52. “A menina que queria limpar a praia”. *A turma da Mônica*, São Paulo, abr.2011

SOUSA, Maurício. Almanaque da Magali 20. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, abr.2010

SOUSA, Maurício. Almanaque da Magali 16. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, ago.2009

SOUSA, Maurício. Almanaque da Magali 14. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, abr.2009

SOUSA, Maurício. Almanaque da Magali 19. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, fev.2010

SOUSA, Maurício. Almanaque temático da Magali 4. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, out.2007

SOUSA, Maurício. Almanaque Histórias de três páginas 3. *A turma da Mônica*, São Paulo: Panini, fev.2009

Anexos

Eu entendo que a Twoma foi
pro pai das maracujinhas e
o colho branco tem a rainha,
o chapéu, é muito legal
a Twoma do mênica Jovem
eu gostei muito de sa História.

CALBE

GOSTEI

REDAÇÃO

MOSCA ENSIMA DA CABEÇA

TAVA LA CEBOLINHA ANDANDO LA

PASSOU A MONICA PENSOU CASCAO
TA FEDENDO.

PASSOU DUAS MENINA PENSOU CASCAO
TA FEDENDO DE RATO PORCO.

PASSOU UMA MULHER PENSOU ESSE MINHO

PRECISA DE TOMAR BANHO.

PASSOU MOTÃO DE PESSOA PENSOU ACHOU
MEUINO TEFENO.

ELF VIU UMA FLOR CAEROU A ABELHA
ATACOU O CASCAO

Eu gostei muito legal a revista da Chico
leito e da turma da monica, foram foi muito
e legal e eu gostei muito



REDAÇÃO

As aventuras do dia-a-dia

Eu gostei muito dessa his-
tória. Ela é muito engra-
çada, e foi muito legal -
porque ela deu revistas em
quadrinhos para a gente.

ASS: Mariana

Eu achei a história muito interessante, ela conta que a Mônica e a Magali vão a um show de uma banda chamada Star Stars e lá encontram sua amiga Marina que era a primeira da fila, mas por um descuido elas perderam o lugar e lutam a entrar no show e lá veem a música que o grupo está procurando uma 5ª integrante do grupo e ficam muito felizes.

Eu achei esta revista muito boa
e legal principalmente na
história da Lenda da Jumenta
Voadora! Esta história conta
uma Mula que voa.

Nathan

LENDAS
DA JUMENTA
VOADORA!



Eu achei muito legal gostei do historico
e pediria ~~que ele desse~~ dineros. Eu
V sabe o resistinho do "dona do mundo" contava
de um jogo de computador em que o Turminho
fede jogava e por acaso o Rubalinho era um das
melhores do jogo. O abrigitinho dele era
Consequin o cara do dono, feito ~~com~~ tal
sua amigo de jogo que por acaso era o seu
preferido quando conseguiu ir ao castelo
de Timbo que nem o guarda que era um
bicho muito dificil de vencer não porque era
grande ou forte sim pois ele era fofo
acala que sua amigo nunca dona do jogo.

Luiz Gustavo

Eu adarei a turma da mêmica jovem
eu quero que a mêmica e a magali
formem uma banda e a magali não fica na
rua São.

Andrezza

Eu gostei muito mesmo de ler
eu achei muito engraçado e muito
legal.

O gila a Turma da Monica e muito divertido.
A historia e muito legal e divertida

Eu gosto da selvicultura da turma da mãe
porque são muito legais.



Pelo que eu li não dá para explicar muito mas eu adorei
questões de cabelo preto e branco e
da forma afonem

Caroline

2/06/11

O livro que eu peguei eu achei
interessante, pois tinha da mãe
jovem e legal e muito bom e a
mãe não bate mais. ~~memories~~
é e mais moderna.

Eduarda

Eu achei a história: muito legal
ela conta do aniversário de 15 da Marina
é muito bom, interessante, a Marina é
linda a revista Jovem é mais moderna,
a Manica é legal a turma é super legal.

Redação

Olha achei muito bom
achei de todos a reser-
tinha da Turma da Mônica
co antiga a melhor da
Turma da Mônica Jovem
mais ou menos mais a
do Chico Bento, Horácio, Piteco e
o Penadinho amo muito.

Eu adorei e' por que tem passas e aventu-
ras e e romantico etc.

A história é muito boa, turma da mônica jovem
e antiga. Jovem é melhor porque é colorida, e o outro
é Preto e branco então é isso que eu tenho pra falar
mais eu gosto das duas mas mais a jovem.

Eu gostei muito da revistainha turma da mônica, assim eu li que os meninos jogavam bola e as meninas eram leitoras de revista e elas estavam no exame final do intercolégio e elas têm uma torcida muito grande e eu tive um bom mês não tem bom eu gostei muito

Vinícius Jordana de Andrade

A Mariana turma da mônica ganhou a muito bola, apesar de ser mais engrasada do que a antiga, mas eu achei bem estranho por ser preta e branca - mas se for coisa assim ela não deixa de ser bem engrasada e legal.

Eu estou gostando das novas histórias da turma da mônica mas não gosto que a cor é preta e branca.

Eu adora ler revista em quadrinho principalmente da mônica, porque eu amo ela gosto muito cada vez que leis fico mais feliz eu achei muito legal!!!

gosto muito da mônica ela é engrasada e cabelinha nem se fala e ela é legal

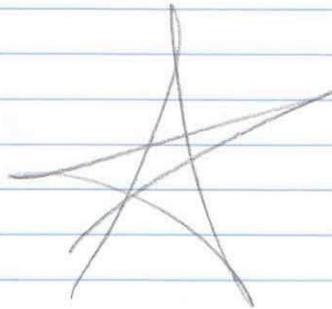


Eu adorei a história da Turminha foi legal ler,
queria ler toda mas não deu tempo por causa da
educação física eu goste mas da jovem e tão linda
e legal e espero ler elas outra vez.



Turma

Monica



Eu gostei muito porque a história da
aventura

a aventura deles de caçar, Monica e Salimão
ela com um fim, Eu gostei muito porque
ela e a história foi boa e eles mais
fazemos para mais legal.

THAU

Revisão

As receitas são muito interessantes que nos ensinam a não maltratar.

Mas eu sei que o Terma da Mãica tem palavras que a Mãica e o Celalimba não sabem falar e não faz parte da linguagem portuguesa.

Mas conseguimos considerar as personagens.

Adorei a receita Timba muitas coisas legais.

Eu gostei muito da História porque a receita tinha da Mãica e muito infantil e a Mãica jovem e mais divertida e eles ficaram mais bonitos.



Eu gostei
e muito bom foi a primeira vez que eu
leio turmas da monica foram e engrasada
legal eles são mais bonitos

o Boa sorte!!!

MAYRA



1) Nome:

Suiza Moreira Silva

2) Idade:

9 anos

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

Sim. Os da Turma da Mônica.

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim

Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim

Não

6) Você gostou?

Sim

Não

Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim

Não

Não li

Sim, uma estúpida

1) Nome: *Nota Lucas Gonçalves Câmara*

2) Idade: *9*

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

Sim, eu gosto ler turma da mônica

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim
 Não

6) Você gostou?

Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim
 Não
 Não li

Turma da mônica jovem

O Povo do mundo

1) Nome: Vinícius Figueira de Andrade

2) Idade: 9 anos

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

Sim. Os Mônica

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim

Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim

Não

6) Você gostou?

Sim

Não

Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim

Não

Não li

Seu de mãe eu

1) Nome: *Matheus Henrique Dias Campos Silva*

2) Idade: *10 anos*

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

Sim. Turma da Mônica.

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim
 Não

6) Você gostou?

Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim
 Não
 Não li

Se eu não sei

1) Nome: *Nathan Gonçalves de Oliveira*

2) Idade: *9*

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

Sim, Turma da Mônica.

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

- Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

- Sim
 Não

6) Você gostou?

- Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

- Sim
 Não
 Não li

Mônica

1) Nome: CALEBE CAYDIO FREITAS

2) Idade: 9 ANOS

3) Você gosta de ler gibis? Quais? Sim

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

- Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

- Sim
 Não

6) Você gostou?

- Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

- Sim
 Não
 Não li

11 *maneira de cascos*

1) Nome:

Victor

2) Idade:

9

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

Sim. Da turma da
Mônica

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim

Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim

Não

6) Você gostou?

Sim

Não

Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim

Não

Não li

Magali

1) Nome: Daniel

2) Idade: 9 anos

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

Os gibis da turma da Mônica

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim
 Não

6) Você gostou?

Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim
 Não
 Não li

Mônica

1) Nome: *Rina Clara Almeida de Souza.*

2) Idade: *8 anos de idade.*

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

sim, ans.

mais principalmente Mônica

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim

Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim

Não

6) Você gostou?

Sim

Não

Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim

Não

Não li

o aniversário de 15 anos da mãe

1) Nome: *Andrezza Medeiros*

2) Idade: *10 anos*

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

Sim. A Turma da Mônica Jovem.

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim
 Não

6) Você gostou?

Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim
 Não
 Não li

É uma estrela

N. lue

1) Nome: Matheus Felipe Luz Veloso

2) Idade: 10

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

sim: Turma da
Mônica Jovem

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim
 Não

6) Você gostou?

Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim
 Não
 Não li

Sim ou não li

1) Nome: Samuel Meireles de Aguiar

2) Idade: { }

3) Você gosta de ler gibis? Quais? Sim turma da monica

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim
 Não

6) Você gostou?

Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim
 Não
 Não li

Gosta muito

1) Nome: Luiz Gustavo de Souza Almeida

2) Idade:
10 anos

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

Sim como, O Turma da Mônica fazem
do tipo do justiça

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim
 Não

6) Você gostou?

Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim
 Não
 Não li

O doente do mundo

1) Nome: *Jão Victor*

2) Idade: *9*

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

Sim. Bem 10.

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

- Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

- Sim
 Não

6) Você gostou?

- Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

- Sim
 Não
 Não li

Monitores do ID

1) Nome: Guineamara Rodrigues de Almeida

2) Idade: 9

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

Turma da Mônica Jovem
Turma da Mônica antigo
Acaela

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim
 Não

6) Você gostou?

Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim
 Não
 Não li

No país da mansuetudo

- 1) Nome: *Letícia Emanuela Pontarelli*
- 2) Idade: *9 anos*
- 3) Você gosta de ler gibis? Quais? *Sim da turma da monica*
- 4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica? *Sim*
- Sim
 Não
- 5) E da turma da Mônica Jovem?
- Sim
 Não
- 6) Você gostou?
- Sim
 Não
 Não li
- 7) Acredita que ela fale a sua língua?
- Sim
 Não
 Não li

Divisão por 2

1) Nome: *Vinicius Santos Paes*

2) Idade: *9*

3) Você gosta de ler gibis? Quais? *em turmas da mônica.*

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

- Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

- Sim
 Não

6) Você gostou?

- Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

- Sim
 Não
 Não li

O desafio do Patins

1) Nome: *Roberta Juliana Oliveira dos Santos*

2) Idade: *9*

3) Você gosta de ler gibis? Quais? *Sim Turma da Mônica*

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

- Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

- Sim
 Não

6) Você gostou?

- Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

- Sim
 Não
 Não li

Um dia de agosto

1) Nome: Stella Maria Franca Ribeiro

2) Idade: 9 anos de idade

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

Sim. turma da mônica.

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim

Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim

Não

6) Você gostou?

Sim

Não

Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim

Não

Não li

No País dos maravilhas

1) Nome: *Caroline*

2) Idade: *9 anos*

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

Sim, Turma da Mônica

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

- Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

- Sim
 Não

6) Você gostou?

- Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

- Sim
 Não
 Não li

Quer Mônica ler go

1) Nome: Guilherme

2) Idade: 9

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

sim eterna da monica

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim

Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim

Não

6) Você gostou?

Sim

Não

Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim

Não

Não li

Chico Bento

Muito tempo sim o meu

1) Nome:

Leticia Rapuque Santos Oliveira

2) Idade:

9 anos

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

sim colorido, so da turma da monica

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim

Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim

Não

6) Você gostou?

Sim

Não

Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim

Não

Não li

Albumaque da Magali

1) Nome: *Victor Hugo Pedro Rodrigues*

2) Idade: *13*

3) Você gosta de ler gibis? Quais? *Sim, leio em outras línguas*

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica? *Sim*

Sim

Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim

Não

6) Você gostou?

Sim

Não

Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim

Não

Não li

Chico Bento

- 1) Nome: Davi Martins Alves
- 2) Idade: 9 anos
- 3) Você gosta de ler gibis? Quais? Sim.
Turma da Mônica, Superheróis etc

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

- Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

- Sim
 Não

6) Você gostou?

- Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

- Sim
 Não
 Não li

Mônica 50 anos

1) Nome: Mariana Luiza Camdeias da S

2) Idade: 9 anos

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

sim. é turma da Mônica

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

Sim

Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

Sim

Não

6) Você gostou?

Sim

Não

Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

Sim

Não

Não li

As aventuras do dia a dia

1) Nome: Victória

2) Idade: 9 anos

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

Sim. Da turma
da Mônica

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

- Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

- Sim
 Não

6) Você gostou?

- Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

- Sim
 Não
 Não li

Turma Jovem
o príncipe perfeito

1) Nome: *Eduarda Antunes de Lima*

2) Idade: *10 anos*

3) Você gosta de ler gibis? Quais?

Sim. Da Turma da Mônica

4) Você já leu as histórias da Turma da Mônica?

- Sim
 Não

5) E da turma da Mônica Jovem?

- Sim
 Não

6) Você gostou?

- Sim
 Não
 Não li

7) Acredita que ela fale a sua língua?

- Sim
 Não
 Não li

Celestina de olho no Bipi

O aniversário de 15 anos da Marina

